

# MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 4 | setembro 2023 | [www.abi-bahia.org.br](http://www.abi-bahia.org.br)



## ABI comemora 93 anos

Com espírito inovador, instituição escreve sua história de olho no centenário

**ARTIGOS** | Especialistas discutem a realidade do jornalismo

**ENTREVISTAS** | A trajetória de cinco decanos da comunicação baiana

**Acha**  
que entender  
de gestão não  
é pra você?

**SAI DO  
ACHA**

**VEM PRO  
SEBRAE**

Cursos  
Consultorias  
Orientação empresarial  
Conteúdos  
E muito mais.



## Palavra do Presidente

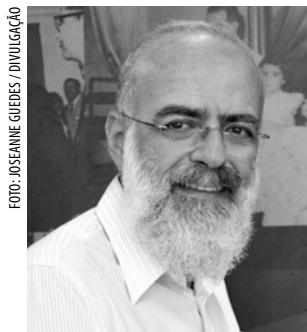


FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO

Ernesto Marques  
Presidente da Associação  
Bahiana de Imprensa

**H**oje, reunir uns 20 jornalistas num domingo já seria um grande feito – fora festas e fêretros, não é qualquer fato ou efeméride que mobiliza tantas cabeças pensantes e leitoras. Ainda mais no dia consagrado ao ócio ou à reflexão. Pois a persistência de um preto doutor, o farmacêutico Thales de Freitas, jornalista por sacerdotício, levou 73 colegas à sede da Associação Tipographica, onde nascemos, em 17 de agosto de 1930.

A decisão de construir a Casa dos Jornalistas nasceu com a ABI. A construção do prédio, verdadeira epopeia de mais de 20 anos, liderada por Ranulfo Oliveira, é, em si, um registro precioso do Brasil que viveram os baianos e baianas das décadas da metade do século passado.

Assim como tudo que aconteceu na sede erigida numa encruzilhada do coração da Cidade da Bahia. Especialmente os fatos históricos testemunhados pelas paredes do Ranulfo, entre 1960 e primeiro de março de 1974, período em que abrigamos o Poder Legislativo. Quase 50 anos atrás, nossa primeira inquilina conquistou a sonhada casa própria, quando a sede definitiva da Assembleia Legislativa se instalou no Centro Administrativo da Bahia.

Somos um caso singular em que a própria casa é parte do acervo, que até poderia ser muito bem abrigado em algum outro espaço. Mas não seria, o próprio prédio, lar e lápide onde nossas vidas inscrevem a história reportada, impressa ou de alguma maneira, transmitida. Histórias vividas.

Pensando em sincronicidades, estamos em plena contagem progressiva, rumo ao centenário, daqui a cabalísticos sete anos. A idade que completamos hoje está no centro do numeral 1930, ano do nosso nascimento. Sete anos é muito tempo. Tempo de muitos encontros, concertos da Série Lunar, rodas de samba e de chorinho, reuniões, debates, discus-

sões e trabalho, muito trabalho. Vidas dando vida a uma instituição capaz de impactar outras vidas.

Vidas passando e tecendo histórias, dentro e fora da nossa Casa. E as histórias daqui, inescapavelmente conectadas com a vida lá fora. Nos becos, nas ruínas escoradas do nosso Centro Histórico, na iniquidade em cada esquina, assim como o carnaval e tudo de fantástico e real que explode em cada canto dessa terra.

Dos fogos da virada, das bombas e foguetes juvenis, aos tiroteios cada vez mais frequentes. Vidas de amantes da história, da memória e da cultura, convictos de que a apropriação e o compartilhamento de bens culturais é a melhor arma para fazer tudo o mais que for necessário à construção da dignidade reivindicada pelas gentes da Bahia, no mínimo, desde os malês.

É a vida da gente que sai no jornal. Vida de jornalistas, radialistas, de gente como a gente. Bebemos dessa vida na lida por pão e poesia. Bebemos a ela, também, estamos vivos e vivendo a vida como ela é.

A Associação Bahiana de Imprensa reafirma todos os seus objetivos fundantes, a defesa intransigente das liberdades democráticas, do direito à informação que é acesso para todos os direitos fundamentais da pessoa humana. Nesta caminhada, será sempre motivo de renovação do nosso otimismo, poder contar com a sua atenção. Como agora, abrindo esta edição comemorativa. Que chegar à última linha lhe seja prazeroso e enriquecedor.

Para ficar melhor, só se você passar a nos seguir nas redes e acompanhar o nosso site, ou aparecer nos eventos realizados no Auditório Samuel Celestino, na Sala de Reuniões Afonso Maciel Neto, na Sala Multimídia Roberto Pires e visitar a Biblioteca Jorge Calmon e o Museu de Imprensa. Sim! Ainda tem para breve, a Casa da Palavra Ruy Barbosa.

Até breve!

---

## Apresentação

FOTO: DIVULGAÇÃO



Biaggio Talento  
Editor

**N**a passagem do 93º ano de fundação da ABI, lembramos de um antigo pregão do comércio baiano: “No nosso mês de aniversário, quem ganha o presente é você”. A programação especial da Associação durou um mês e colocou em pauta os principais problemas enfrentados pelo Jornalismo e pelos jornalistas, diante das enormes transformações ocorridas nos últimos anos com o advento da internet, além de questões relacionadas a direitos autorais, assédio judicial e racismo. As discussões em mesas-redondas trouxeram a lume muitas reflexões dos desafios a serem enfrentados pelos profissionais da comunicação. A 4ª edição da Revista Memória da Imprensa dedica parte de seu conteúdo a esse debate, assistido pelos comunicadores e estudantes que participaram ativamente da programação na sede da entidade.

Além de matéria sobre o mês da programação do 93º aniversário, mostramos como foi o debate sobre o assédio judicial, fórmula surgida após o fim da censura para tentar intimidar jornalistas empenhados em denunciar casos de corrupção, e publicamos oito artigos de convidados que discutiram outros temas relevantes para registrar a importância desse momento. Mas, interpretando positivamente a famosa frase do livro 1984, de George Orwell: “Quem controla o passado, controla o futuro”, continuamos com o projeto da revista de buscar nos

colegas que construíram a comunicação baiana nas últimas décadas, a experiência, não para controlar o futuro, que se apresenta cada vez mais incontrolável, mas, ao menos, tentar entendê-lo, aprendendo com o que se fez em passado recente, no auge da profissão de Jornalista, quando as empresas de mídia eram fortes economicamente, permitindo o florescimento de uma bela geração de repórteres, editores, fotógrafos e demais comunicadores.

Dessa fonte, fomos beber na experiência de mais cinco decanos: Alexandre Seixas nos revela os bastidores do processo de consolidação das TVs de Salvador; Lady Eva e a determinação de uma jornalista afrodescendente para se firmar num meio dominado por caucasianos do sexo masculino; José Barreto, o Zé de Jesus Barreto, pauteiro e repórter no auge da Tribuna da Bahia e sucursais, escritor na maturidade; Nelson Cadena, o colombiano genial que adotou Salvador como seu novo lar; e Vitor Hugo Soares, destacado jornalista das sucursais do Jornal do Brasil e Veja, protagonista de histórias impagáveis. Lembramos que as entrevistas são versões compiladas dos registros feitos em vídeos pelas equipes de Carolini Assis e Kau Rocha e foram incorporadas na íntegra ao acervo da Associação Bahiana de Imprensa. A Revista Memória da Imprensa se consolidou como veículo fundamental de registro da comunicação no estado e continuamos contando com o apoio de todos que participam desse projeto para que esta história prossiga.





# Plantar para não faltar

## MADEIRA PLANTADA E SEUS DIVERSOS USOS

O setor de base florestal produz e processa madeira para diversos setores, a exemplo da construção civil, de papel e celulose, a metalúrgica, energia de biomassa, a secagem de grãos do agronegócio, móveis, entre outros.

A área com florestas plantadas no Brasil ocupa apenas 1% da área do país, mas é responsável por 91% de toda a madeira produzida para fins industriais.

Além disso, os plantios florestais contribuem para a preservação das matas nativas, para a mitigação de mudanças climáticas e provêm outros serviços ecossistêmicos interessantes, com conservação de solos e água.



# ABAF

Associação Baiana das Empresas de Base Florestal

☎ 71 3342.6102 🏠 [www.abaf.org.br](http://www.abaf.org.br) ✉ [abaf01@terra.com.br](mailto:abaf01@terra.com.br)

🏠 Av. Professor Magalhães Neto, 1752 - Ed. Lena Empresarial, sala 207 - Pituba, 41810-012 Salvador, Bahia

🌐 [http://issuu.com/abaf\\_2014](http://issuu.com/abaf_2014) 📘 ABAF

ASSOCIADOS:





auditório

**SAMUEL  
CELESTINO**



Associação  
Bahiana de  
Imprensa

**TRAGA SEU EVENTO PARA O  
CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.**

Um espaço multiuso, climatizado, ideal para encontros corporativos e atividades culturais.



Fotos: Paula Fróes

Quem passa por aqui se encanta com essa vista!

**FAÇA A SUA RESERVA**

**(71) 9 8426-1460 | [secretaria@abi-bahia.org.br](mailto:secretaria@abi-bahia.org.br)**



Salvador, Edifício Ranulfo Oliveira, Rua Guedes de Brito, 1 - Praça da Sé



# Sumário

## EXPEDIENTE

### Conselho Editorial da ABI

Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florisvaldo Mattos

Coordenação de Comunicação: jornalista Joseanne Guedes - 4525/BA

Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos

Editor: Biaggio Talento

Projeto Gráfico: Editora Bamboo

Coordenação de Produção: Carolina Gomes

Entrevistadores: Kau Rocha e Carolinni Assis, diretor e diretora, respectivamente, com a colaboração de Jaciara Santos, Isabel Santos, Wanda Chase, Patrícia França, e Carolina Gomes

Revisão: Carolina Gomes

Tiragem: 1.000 exemplares

Distribuição Gratuita

Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no Estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

### Agradecimento

Esta edição comemorativa em homenagem aos 93 anos é fruto do empenho pessoal de cada profissional que compõe a equipe efetiva e afetiva da ABI. Alguns dos quais, arrematados pelo coração, como o fotógrafo Reginaldo Cruz Costa (o eterno Ipézinho), da Tribuna da Bahia. A ele, um agradecimento especial da nossa Casa, pelo mergulho no arquivo do jornal para nos agradecer com imagens históricas da icônica Lady Eva.

### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro

Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos

Secretaria: Heloisa Sampaio

Suplentes:

Wilson Midlej

Raimundo Vieira

### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques

1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares

2º vice-presidente: Suely Temporal

1ª secretária: Amália Casal

2ª secretária: Jorge Ramos

Diretor de Finanças: Antônio Matos

Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo

Diretor de Defesa DI/DH: Yuri Silva

Diretor de Cultura: Nelson Cadena

Diretor Social: Nelson José de Carvalho

Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho

Diretora de Comunicação: Jaciara Santos

Suplentes:

Luiz Fernando Lima

Mara Santana

### CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:

Suzana Alice Pereira

Joaci Góes

Emiliano José

Suplentes:

Jolivaldo Freitas

Luiz Nova

### CONSELHO FISCAL:

Titulares:

Simone Ribeiro

Pedro Dalto

Romário Costa Gomes

Suplentes:

Valter Xéu

Luiz Hermanno Abbehusen

Valber Carvalho

### CONTATOS

Assessoria de Comunicação:

71.98791-7988 (zap) - ascom@abi-bahia.org.br

Secretaria:

71.98426-1460 (zap) - secretaria@abi-bahia.org.br

Administrativo:

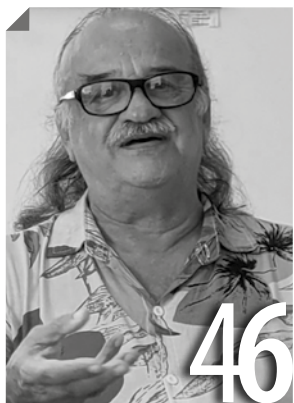
71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

### ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edf. Ranulfo Oliveira,

2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia

CEP 40.020-260



## Jornalismo em Foco

Uma jornada de festividades, reflexões e debates sobre Comunicação.....8

Assédio judicial: tentativa de intimidar a imprensa em tempos de democracia..... 10

## Artigos

Comunicando com o empreendedorismo ..... 12  
*Cláudio Patterson*

Diversidade não é favor. É obrigação! ..... 13  
*Jorge Gauthier*

Diversidade nas redações: ou muda o topo ou nada muda ..... 14  
*Matheus Lens*

Combater a violência é defender a democracia ..... 15  
*Moacyr Neves*

Jornalismo e Direito Autoral: parceria em prol da democracia .... 16  
*Rodrigo Moraes*

Jornalismo, desinformação e o diploma ..... 18  
*Samira de Castro*

O que mudou no mundo dos jornalistas desde 2009 ..... 19  
*Washington Souza Filho*

Ética em tempos de deepfake e inteligência artificial ..... 20  
*Yuri Almeida*

## Entrevistas

Alexandre Seixas ..... 22

Lady Eva ..... 28

Zé de Jesus Barreto ..... 38

Nelson Cadena ..... 46

Vitor Hugo ..... 54



# Uma jornada de lutas, reflexões

*Aniversário foi comemorado com extensa programação, baseada em quatro eixos: “Memória e Reconhecimento”, “Judicializando”, “Formação” e “Vida real no mundo digital – Cultura, democracia e diversidade”.*

**L**uta pelo fim da violência contra a imprensa, história do jornalismo baiano e preservação da memória. Ao celebrar seus 93 anos em defesa da democracia e da comunicação, a Associação Bahiana de Imprensa (ABI) destacou esses temas para dar início às celebrações de aniversário no dia 17 de agosto, abertura prestigiada por associados, profissionais de comunicação, representantes da sociedade civil e autoridades no Auditório Samuel Celestino, na sede da entidade, no Centro de Salvador. A data faz referência exata a 17 de agosto de 1930, quando a ABI foi fundada.

A programação do aniversário prosseguiu com encontros semanais até o dia 16 de setembro, no mesmo local. Na inauguração da programação o presidente da Associação, Ernesto Marques, definiu o momento como “muito intenso e rico”, enquanto o presidente da Assembleia Geral da ABI, Walter Pinheiro, destacou a importância do trabalho feito pelas direções anteriores da instituição em defesa da imprensa e da liberdade de expressão. Ele ressaltou que, sem imprensa livre, não há democracia.

“Infelizmente, vivemos tempos de intolerância, como se fosse uma permanente campanha eleitoral. É chegado o momento de os palanques serem desmontados para que possamos trabalhar dentro da normalidade, na busca pela verdade, que é o que a ABI sempre está fazendo”, avaliou, apontando a importância dos encontros programados pela ABI. “Temos que trabalhar e estar empenhados em defender a gente, mas também a sociedade. É lamentável que a banalização da vida humana esteja se praticando de maneira tão ostensiva, à luz do dia e de forma repetida. É algo que amedronta a todos e temos que vencer isso. A ABI tem a obrigação de continuar o trabalho desenvolvido nesses 93 anos e nos próximos”.

FOTO: JULIA LIMA



## História e futuro

Na primeira sessão, com o eixo temático “Memória e Reconhecimento”, o debate sobre a história da imprensa e da própria ABI, teve como gancho o combate à violência contra a imprensa na Bahia. Na ocasião, Ernesto Marques lembrou o momento de criação da ABI, quando 73 jornalistas se reuniram em um dia de domingo – o 17 de agosto de 1930 – para a constituição formal da entidade, na época, na sede da Associação Tipographica. Ao longo de quase um século, a instituição manteve-se atual e passou por transformações, como a mudança para a atual sede. Aquele momento marcou a criação da “Casa dos Jornalistas”.

Além de lembrar a história, Marques reforçou também que a ABI já deu início à contagem progressiva para as comemorações pelo seu centenário, daqui a sete anos. Até lá, estão entre os planos da entidade a digitalização de todo o acervo e a reforma do edifício, para que receba a certificação de edifício verde, além da abertura da Casa da Palavra Ruy Barbosa.

FOTO: AMÁLIA CASAL



▲ Agostinho Muniz foi homenageado pelo seu trabalho em defesa dos jornalistas. Abertura dos trabalhos contou com as participações de dirigentes da ABI, como Walter Pinheiro.

# e debates sobre a Comunicação



*O objetivo primeiro é a gente fazer a denúncia pública dos casos, porque é muito importante mostrar aos colegas agredidos que eles não estão sozinhos nessa batalha.*

**Moacyr Neves**

“A Associação Bahiana de Imprensa reafirma todos os seus objetivos fundantes, a defesa intransigente das liberdades democráticas, do direito à informação, que é acesso para todos os direitos fundamentais da pessoa humana. Nesta caminhada, será sempre motivo de renovação do nosso otimismo”, acrescentou.

## **Contra violência**

No painel “Tecendo a Rede”, o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia (Sinjorba), Moacyr Neves, apresentou o primeiro relatório de atividades da Rede de Combate à Violência contra a Imprensa. Na ocasião, o coletivo foi rebatizado de Rede Agostinho Muniz Filho de Combate à Violência contra a Imprensa, em homenagem ao jornalista cuja atuação representa um marco na defesa da categoria. De acordo com Neves, desde 2017, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) tem registrado o aumento expressivo de casos de ataques a jornalistas, além da ampliação com novas formas de violência, a exemplo do cancelamento virtual. “Estamos lidando com novos tipos de violência que têm tanto impacto quanto uma agressão. Essa epidemia nos levou a idealizar um projeto na Bahia, que é a rede que recebeu o nome de Agostinho Muniz”, disse.

A ideia para a criação da rede surgiu em 2022, após discussões entre a ABI e o Sinjorba, mas o lançamento do projeto ocorreu em abril deste ano, durante as celebrações pela Semana do Jornalista. Além das duas entidades, fazem parte da rede órgãos públicos ligados aos sistemas jurídico e de segurança, além de organizações da sociedade civil e empresas de comunicação.

Atualmente, a rede acompanha os casos de seis colegas que foram agredidos, ameaçados ou ata-

cados no exercício da profissão. Outros 12 casos já estão sendo analisados e devem ser acompanhados em breve. “O objetivo primeiro é a gente fazer a denúncia pública dos casos, porque é muito importante mostrar aos colegas agredidos que eles não estão sozinhos nessa batalha, mas também para a gente pedir andamento das investigações e a punição dos responsáveis”, afirmou Neves, citando que, entre os casos, há ocorrências que estão há mais de dois anos sem resposta.

O dossiê com os seis primeiros casos será enviado à SSP para pedir que as investigações sejam agilizadas. “É importante dizer que o objetivo é inibir novas agressões, mostrar que vai haver repercussão negativa com aquele fato. Também queremos promover o diálogo com os órgãos de segurança e os movimentos sociais, no sentido de precaver a cobertura de fatos sensíveis e de confronto, porque a gente fica exposto”, completou.

Marques reforçou que o primeiro combate à violência é com o jornalismo. Lembrou que, no final da década de 1990, a Bahia figurava como um dos lugares mais perigosos para o trabalho de jornalistas. Em pouco menos de 10 anos, 11 profissionais da imprensa baiana foram mortos. Apenas um desses casos teve autores materiais identificados, o que levou o estado da Bahia a ser denunciado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Agostinho Muniz teve importante atuação na denúncia dos episódios violentos e agora empresta o seu nome à rede. Ele foi homenageado também pelo 1º vice-presidente da ABI, Luis Guilherme Pontes Tavares, e pela diretora do Sinjorba, Isabel Santos, que fizeram uma saudação em nome das duas entidades. Ambos trabalharam com Agostinho na assessoria de imprensa da UFBA. Agostinho recebeu da ABI uma placa expressando a gratidão da entidade, assim como do Sinjorba, pela sua atuação.

Além de “Memória e Reconhecimento”, a programação de debates teve mais os eixos, “Judicializando”, “Formação” e “Vida real no mundo digital – Cultura, democracia e diversidade”. Os eventos contaram com expressiva participação de profissionais de comunicação e estudantes da área. Na presente edição da revista Memória da Imprensa, abrimos espaço para a questão do “assédio judicial” e artigos de oito especialistas que apresentaram trabalhos nos eixos de discussões. ■





# ASSÉDIO JUDICIAL: *tentativa de intimidar a imprensa em tempos de democracia*

Chamado “assédio judicial” é o mecanismo que tem sido usado na Bahia, principalmente por políticos, magistrados, empresários, promotores e procuradores, para tentar calar a imprensa quando ela investiga malfeitos de alguns elementos desses segmentos. A estratégia, substituta em tempos de democracia da censura que existia no regime militar, tem objetivo de intimidar jornalistas, movendo contra eles processos judiciais motivados por matérias que desagradam

determinadas pessoas ou grupos. Este foi um dos temas mais importantes da programação de aniversário da ABI, discutido no painel “Assédio judicial: situação atual na Bahia e no Brasil – Como se proteger e como combater”.

A vice-presidente do Sinjorba – Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) no Nordeste, Fernanda Gama, apresentou um quadro com casos de jornalistas que sofreram e sofrem assédio que são



◀ *Jornalista Levi Vasconcelos relata seu caso e debate o tema.*

▶ *Carlos Augusto é processado pelas matérias sobre a Operação Faroeste.*

▼ *Fernanda Gama apresentou quadro com jornalistas baianos que sofrem assédio judicial.*



FOTOS: FELIPE PLACIDO



## LEVANTAMENTO ASSÉDIO JUDICIAL NA BAHIA

**Alana Rocha** - 14 processos, dois com condenação em 1ª instância.

**Tasso Franco** (Site Bahia Já) - 7 processos, 5 encerrados, 2 em andamento.

**Raul Monteiro** (Site Política Livre) - 7 processos, 4 encerrados, 3 em andamento.

**Carlos Augusto** (Site Jornal Grande Bahia) - 4 processos (Operação Faroeste).

**Fernando Duarte** (Bahia Notícias) - 2 processos encerrados, mas o site continua respondendo.

Fonte: Sinjorba.

acompanhados pelo sindicato. “Em comum, todos denunciaram políticos e o Judiciário. Ou seja, é uma forma de tentar nos calar”, interpreta Fernanda. A Operação Faroeste, em que a Polícia Federal (PF), o Ministério Público Federal (MPF) e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) investigam supostas vendas de sentenças no Judiciário baiano, rendeu dois casos emblemáticos de assédio. O primeiro do jornalista Carlos Augusto Oliveira da Silva, editor e diretor do Jornal Grande Bahia, que vem cobrindo desde o iní-

cio a operação, e o outro do jornalista Levi Vasconcelos, colunista do A Tarde, por publicar uma nota indicando que o senador Angelo Coronel (PSD) seria o político citado por investigados que negociavam acordos de delação premiada.

Dias depois da publicação da nota, foram divulgados detalhes da investigação e das delações premiadas da desembargadora Sandra Inês Rusciolelli e do filho dela, Vasco Rusciolelli (integrantes do suposto esquema da venda de sentenças), homologadas pelo ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Og Fernandes. Ou seja, os jornalistas não acusaram o senador e outros eventuais envolvidos de nada, apenas publicaram detalhes das delações homologadas pelo STJ e da investigação conduzida pela PF e MPF. Nas delações, Coronel é um dos 68 nomes citados. Ele nega o envolvimento.

Carlos Augusto e Levi participaram do painel e asseguraram que os processos não vão intimidá-los, pois suas publicações são baseadas nas documentações dos órgãos oficiais sobre o caso. O diretor do Grande Bahia acredita que há também inaptidões “cognitiva e ética” por parte do quadro do Poder Judiciário para julgar os casos contra a imprensa. “São leigos julgando nossos atos verbais sem habilitação técnica para compreender como se estrutura um texto jornalístico”, argumenta. Ele conta que tem vivido situações de desrespeito e desconhecimento da chamada ADPF 130/2009 – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, inclusive com magistrados pedindo-lhe que revele suas fontes.

Numa audiência de conciliação, Levi disse ao juiz que não iria se retratar em relação à nota sobre o senador porque a vítima era ele, o jornalista. Denunciou que o político “está querendo me intimidar. Até porque, provo o que digo”, alegando não ter nada de pessoal contra Coronel, apenas fez seu trabalho jornalístico, baseado em fontes seguras, sem inventar nada. E anunciou, durante o evento, que pretende, após conclusão de ação criminal movida pelo senador, abrir, em Brasília, processo de “litigância de má-fé” contra o parlamentar. Levi, que já foi liberado de procedimento de igual teor na esfera civil, adianta, caso ganhe uma indenização: “Eu não quero dinheiro: 50% para os advogados e 50% para [as Obras Sociais] Irmã Dulce, que está precisando”.

Fernanda Gama deu três orientações aos jornalistas para que se protejam e combatam o assédio judicial:

- » Fazer Jornalismo com apuração, fidelidade aos fatos e levantamento de provas.
- » Denunciar às entidades de classe, organizações de defesa das liberdades de imprensa e outras entidades associativas.
- » Dar atenção devida aos processos através da constituição de defesa para evitar que ocorram à revelia. ■



Cláudio Patterson  
Analista de negócios e gestor de atendimento e orientação técnica do Sebrae-BA

# Comunicando com o empreendedorismo

O Brasil, segundo aponta a pesquisa da *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* de 2023, ocupa as primeiras posições quando o assunto é empreendedorismo. Conforme o estudo, seis em cada dez brasileiros sonham em ser empreendedores. Uma jornada de sucesso, que trabalhe as características empreendedoras e a gestão do negócio é a principal causa dos resultados estatísticos positivos.

Logo no início, na trajetória empreendedora, é preciso identificar oportunidades do mercado, pôr em prática ideias, desenvolver o projeto, modelar o negócio planejando cada etapa antes, durante e após o início da sua operação e, assim, diminuir o risco envolvido. O empreendedor deve buscar oportunidades e procurar desenvolver produtos e serviços que solucionem as dores dos clientes, fazendo-os perceber o “valor agregado” daquilo que está sendo ofertado, seja serviço ou produto.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma das instituições autorizadas pela ONU a aplicar o Empretec, um curso em forma de imersão, que desenvolve as 10 características do empreendedor.

Busca de informações, comprometimento, persuasão e rede de contatos são algumas das competências que são trabalhadas no curso, de forma prática, capacitando o empreendedor a desenvolver cada vez mais e melhor as suas potencialidades.

Definido o segmento de atuação, é o momento de formalizar o negócio e constituir o CNPJ. O Microempreendedor Individual (MEI) é a via mais rápida e simples devido ao baixo custo tributário envolvido – desde que a atividade exercida seja permitida por lei. Outras opções de formalização estão disponíveis, de acordo com cada atividade econômica exercida.

Por exemplo, para constituir uma empresa na área de Comunicação não basta, apenas, conhecimento técnico profissional em marketing, jornalismo, publicidade e afins. É preciso gerir o negócio desde a sua ideia, até a sua eficiente gestão organizacional, garantindo benefícios e vantagens, consolidando uma identidade empresarial competitiva.

Especialmente na área da Comunicação, há um espaço peculiar para esse profissional no universo empreendedor, devido à importância e à necessidade de se relacionar e se comunicar bem com todos os envolvidos na operação da empresa

(clientes, funcionários, fornecedores, investidores). A comunicação, escuta ativa, posicionamento digital e engajamento são algumas das competências que se fazem necessárias durante a jornada empreendedora. Através delas, é possível proporcionar boas experiências aos clientes, seja em formato presencial ou *online*. O empreendedor de Comunicação deve apostar em ser mais **interessante** e menos **interesseiro** para o seu cliente. O vínculo entre o dono do negócio e o consumidor deve ser construído com empatia. A comunicação assertiva e eficaz é mola propulsora de um relacionamento durável.

Portanto, pode-se dizer que a comunicação é uma das bases do empreendedorismo. Conectar as pessoas com a marca é receita de sucesso para a longevidade da empresa. Quanto maior a coerência entre a identidade da empresa e a forma como ela se apresenta, melhor será a percepção de valor do cliente.

É preciso despertar sensações para persuadir, quebrar objeções e convencer as pessoas a comprarem recorrentemente. Em outras palavras, a boa comunicação, é uma excelente maneira de garantir a perenidade do negócio. ■

---

*É preciso gerir o negócio desde a sua ideia, até a sua eficiente gestão organizacional, garantindo benefícios e vantagens, consolidando uma identidade empresarial competitiva.*

---



Jorge Gauthier  
**Jornalista com especialização em  
 Jornalismo Científico & Tecnológico.  
 Idealizador do canal Me Salte, volta-  
 do para a comunidade LGBTQIAPN+  
 no @correio24horas.**

## Diversidade não é favor. É obrigação!

**N**a primeira vez em que eu pisei na redação de um veículo de comunicação de Salvador, só vi pessoas brancas sentadas atrás dos computadores. Era um mar de homens – poucas mulheres, brancas em sua maioria – imprimindo sua visão de mundo nas telas de uma das televisões líderes de audiência da Bahia. O resultado da minha visita, guiada pelo meu então professor de telejornalismo Washington José de Souza Filho, foi a resposta para a pergunta que eu sempre me fiz quando ligava a TV nos telejornais: por que as pessoas negras, LGBTQIAPN+ e mulheres só tinham espaços amplos na mídia quando eram vítimas de violências?

De lá pra cá, o mundo mudou. A sociedade se transformou e o jornalismo precisou acompanhar. Não é mais aceitável que as redações de veículos de comunicação sejam formadas majoritariamente por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. Infelizmente, esse perfil de poder ainda comanda importantes espaços em empresas jornalísticas, o que reflete em diversos conteúdos excludentes levados à sociedade.

Entretanto, o público também mudou. Agora, o leitor-consumidor percebe essas vozes dominantes nos discursos e não as aceita facilmente. A audiência exige se sentir representada. Os leitores querem consumir notícias de veículos que tenham alinhamentos identitários semelhantes aos seus.

A audiência da mídia – digital e impressa – está cada vez mais exigente e analítica, especialmente com o advento da internet e a proliferação de conteúdos para além das linguagens tradicionais.

Para dialogar com os segmentos diversos da sociedade é fundamental que quem esteja produzindo jornalismo tenha dimensão de realidades diversas. Oferecer informação de qualidade é a

melhor forma de combater os preconceitos sociais, que tradicionalmente foram alimentados pela visão heteronormativa e misógina da imprensa tradicional brasileira.

A diversidade de discursos só pode ser contemplada se o pensamento das redações também for diverso. Não se pode fazer “matéria de gabinete” sobre as realidades sociais das quais nada se conhece, pois isso só reforça estereótipos e cria narrativas excludentes.

Como disse a ativista April D’Aubin – autora do texto “Nothing About Us Without Us: The Struggle for the Recognition of a Human Rights Approach to Disability Issues” – nada sobre nós pode ser feito sem nós. Ou seja, não há como produzir conteúdo

diverso sem ter diversidade nas redações. É preciso que haja em todos os postos de trabalho – e não somente em cargos da base da pirâmide – representatividade das mais variadas camadas sociais, especialmente nas posições de liderança.

Redações diversas são obrigação de todos os veículos. Isso não é um favor ou “lacrção” como alguns críticos gostam de falar. É alinhamento com as boas práticas de ESG (*environmental, social and governance*) no âmbito social e também oportunidade de negócios para as empresas jornalísticas.

Investir na diversidade étnico-racial e de gênero, além de dialogar com as demandas reais da sociedade, criar senso de comunidade e fidelidade com o público, ainda faz bem para os negócios. Um estudo feito pelo Instituto Identidades do Brasil, em 2022, mostrou que para cada 10% de aumento na diversidade étnico-racial, observou-se um incremento de quase 4% na produtividade das empresas. E para cada 10% de elevação da diversidade de gênero, obteve-se um acréscimo de quase 5% na produtividade das empresas. ■

---

*Não é mais aceitável  
 que as redações  
 de veículos de  
 comunicação  
 sejam formadas  
 majoritariamente  
 por homens  
 brancos, cisgêneros e  
 heterossexuais.*

---





FOTO: DIVULGAÇÃO

Matheus Lens  
Estudante de Jornalismo, podcaster  
e fotógrafo. Criador do podcast “Fala  
Preto”.

## Diversidade nas redações: ou muda o topo ou nada muda

O jornalismo tem como principal função levar informação de qualidade para a sociedade, atentando-se para o impacto que pode ser provocado na construção social de cada indivíduo. Em uma sociedade diversa, é importante que as redações sejam uma extensão da população e tragam esse olhar plural, a fim de alcançar os diversos públicos. Neste artigo, abordo a importância de apostar na diversidade e como sua falta afeta diretamente os conteúdos produzidos.

Quando falamos em diversidade, é importante observar as hierarquias, partindo do topo da pirâmide até sua base. Geralmente, a pirâmide de um veículo de comunicação começa com o CEO, também chamado de diretor-executivo, a pessoa de maior autoridade de uma empresa. Decrescendo para os outros setores, chegamos até a redação, cuja maior autoridade pertence ao editor-chefe. Em uma pesquisa feita em cinco portais de Salvador, pude observar que esses espaços são diversos até um ponto, que fica apenas entre os repórteres - brancos, pretos e pardos, gays, lésbicas e gordos. Mas estreitando esse filtro, é possível notar que ainda existe exclusão quando se trata de indígenas, pessoas transgêneros e com deficiências.

Em uma matéria publicada em um site de notícias da Bahia, foi utilizado o termo “homossexualismo” para noticiar um fato envolvendo um homem gay. A palavra é vista como problemática e repudiada por grande parte da comunidade LGBTQIAPN+, sob o argumento de que já foi usada para denotar condições patológicas. Desde 1990, foi excluída da lista de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), pela Organização Mundial

de Saúde (OMS). Outro portal utilizou o título “Transexual leva balaço após discussão na Bahia”. Há quem diga que essas designações não apresentam qualquer gravidade. O que não é verdade, pois acabam agredindo determinadas comunidades e mostram o quanto a falta de conhecimento e ausência de representações impac-

tam nos conteúdos de um veículo.

A falta de pessoas diversas nesses espaços também é refletida nas conversas informais conhecidas como “rádio corredor”. Ofensas e preconceitos camuflados de brincadeiras e ironias percorrem todo o ambiente, me fazendo pensar se todas as pessoas se sentiriam respeitadas nesses locais.

A startup *Énois* - laboratório que trabalha para impulsionar diversidade, representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro - criou um programa de treinamento chamado “Diversidade nas Redações”, a fim de auxiliar

empresas que tenham a inclusão como pauta principal. No site, é possível encontrar um manual para gestores e jornalistas interessados em transformar as redações e o jornalismo em espaços mais diversos e representativos.

Para amenizar os ruídos causados por essas ausências, é necessário não só incluir, mas também ouvir e promover a equidade na equipe. Principalmente no topo da pirâmide. Isso possibilita que os veículos tenham mais pluralidade de conteúdos e uma visão mais humanizada nas produções, fugindo dos títulos genéricos e jargões carregados de preconceito. Ações como conhecer o perfil da equipe, mapear os conteúdos, coletar as práticas já existentes no ambiente, promover diálogos e oferecer treinamentos que incluam todo o corpo hierárquico da empresa são medidas que podem ter um bom resultado. ■

---

*Ofensas e preconceitos  
camuflados de  
brincadeiras e ironias  
percorrem todo o  
ambiente, me fazendo  
pensar se todas as  
pessoas se sentiriam  
respeitadas nesses  
locais.*

---



Moacyr Neves  
Presidente do Sinjorba e  
primeiro-secretário da Fenaj

# Combater a violência é defender a democracia

O ano de 2021 foi triste para o Jornalismo no Brasil. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) contabilizou 430 ocorrências de agressões e ataques a profissionais e veículos de comunicação, dados publicados no relatório “Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil”. Um crescimento de 340% em relação a 2017, quando foram registrados 99 casos. Trata-se da constatação, em números, de que a violência contra a imprensa tinha se espalhado e tomado ares de epidemia.

Esses números não se verificaram em país em guerra ou sob ditadura. Foram verificados em um país democrático, onde os governantes são eleitos pelo voto e que não enfrenta conflitos externos ou internos. Impossível não observar, contudo, que foram conferidos no período em que partia da maior autoridade da República a clara intenção de calar a imprensa, por meio de um discurso de ódio ao jornalismo profissional e descredibilização do seu papel.

A comparação de dados entre os anos de 2017 e 2021 traz um esboço do que ocorreu em um segmento, mas compõe uma teia maior, que buscou ganhar corações e mentes para uma visão autoritária de sociedade. A violência contra a imprensa está longe de ser um fenômeno isolado. Quando olhamos o cenário como um todo, percebemos que o Brasil vem piorando em termos de cidadania. Em outros rankings que medem a qualidade da vida institucional da Nação, o país também retrocedeu nos últimos anos.

Por exemplo, no ranking da percepção da corrupção, medido pela ONG Transparência Internacional, o Brasil caiu de 43 pontos em 2014 para 38 pontos em 2022 – quanto mais próximo de zero, pior a situação. Já fomos 63º em 2012 e hoje estamos na 94ª colocação. No ranking da democracia, publicado anualmente pelo grupo da revista *The Economist*, o país caiu quatro posições no ano passado, no *The Democracy Index*, em relação a 2021, ficando na 51ª posição entre 167 países. Em 2008, éramos o 41º da fila. Portanto, não estamos nos defrontando com números isolados.

Diante disso, é preciso que cada segmento e organização que defende a democracia faça a sua parte.

No nosso caso, lançar mão de instrumentos legais e dos próprios aparelhos de Estado para construir formas eficientes de combate ao discurso de ódio e à violência física contra os profissionais.

Com este espírito, foi criada a Rede de Combate à Violência contra Profissionais de Imprensa da Bahia, iniciativa liderada pela Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia (Sinjorba). As duas organizações decidiram estabelecer um fórum interinstitucional que, a partir da necessária denúncia pública da violência, possa alcançar um trabalho efetivo de acompanhamento dos casos, além de propor políticas públicas para proteger os profissionais e punir os agressores, com agilidade e na forma da lei.

Rebatizado como Rede Agostinho Muniz Filho de Combate à Violência contra a Imprensa – homenagem ao jornalista que é um símbolo da luta em defesa da categoria – o coletivo reúne integrantes das polícias Civil e Militar, da Defensoria Pública do Estado, da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos da Bahia, da Ordem dos Advogados do Brasil - seção Bahia, Guarda Municipal de Salvador e veículos de comunicação. Também foram convidados a compor o fórum o Ministério Público do Trabalho, o Ministério Público Estadual e a União dos Municípios da Bahia.

A experiência da Rede baiana soma-se a iniciativas existentes em outros estados, a exemplo de um Memorando de Entendimento entre a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), que reúne a Fenaj e outras ONGs, para criação de um canal de cooperação no combate à violência contra profissionais de imprensa e demais comunicadores. Ou, ainda, a criação, em 2023, pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, do Observatório Nacional da Violência contra Jornalistas.

Na proteção aos profissionais de arroubos autoritários ou dos efeitos da pandemia de violência contra o segmento, a Rede fará a coordenação de um trabalho que abrangerá a atuação de diferentes atores. Cada um cumprindo sua missão e função institucional. Uma iniciativa para reforçar o papel da imprensa como um dos pilares democráticos, instrumento de defesa dos ideais transformadores que ajudam a construir a cidadania e o futuro. ■



Rodrigo Moraes  
Advogado, procurador do município do Salvador e professor de Direito Civil, Direito Autoral e da Propriedade Industrial da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia

## Jornalismo e Direito Autoral: parceria em prol da democracia

**J**ornalista é autor, titular de direitos autorais (morais e patrimoniais). Além de receber o salário, o jornalista empregado tem o direito de participar dos lucros do empregador na reutilização e revenda de textos jornalísticos e obras fotográficas. O vínculo empregatício não autoriza novos aproveitamentos não recompensados. A autoria da criação (direito moral de autor) não é alterada na relação de emprego.

O salário pago ao jornalista empregado não engloba os direitos patrimoniais de autor, se não está embutida, no contrato de trabalho do jornalista, a cessão dos direitos autorais. Por isso, empresas jornalísticas vêm incluindo termos aditivos nos contratos de trabalho, prevendo cessão total dos direitos patrimoniais do jornalista-autor. Ou seja, tais contratos vêm inviabilizando qualquer pagamento adicional ao jornalista pela reutilização ou revenda de matérias de sua autoria. A Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610, de 1998) não proíbe uma cláusula de cessão definitiva dos direitos patrimoniais de autor.

Com a chegada da internet, alguns falsos profetas disseram que o Direito Autoral iria acabar. Não acabou, pois ele sempre conseguiu se adaptar às transformações culturais e tecnológicas.

Muitos jovens, os *nativos digitais*, acham que ter uma assinatura de jornal é coisa do passado. Acreditam que podem se informar nas bolhas das redes sociais. Enganam-se. O jornalismo continua sendo uma atividade imprescindível para a democracia; indispensável para o combate à desinformação; vocacionado para enfrentar a odiosa cultura das *fake news*.

Fazer jornalismo profissional de qualidade, independente e plural, não é barato. O sistema capitalista exige investimentos para a remuneração

de profissionais de investigação e de comunicação qualificados.

As empresas jornalísticas da Europa vêm enfrentando corajosamente o tema. A Diretiva (UE) 2019/790 partiu do pressuposto de que “a contribuição em termos financeiros e organizativos dos editores para a produção de publicações de imprensa tem de ser reconhecida e mais encorajada, a fim de garantir a sustentabilidade do setor da edição e, por conseguinte, promover a disponibilidade de informação fidedigna”.

As *big techs*, que abocanharam o mercado publicitário das empresas jornalísticas, criticaram, obviamente, o art. 15º dessa Diretiva, que regula a “proteção de publicações de imprensa no que diz respeito a utilizações online”. As *big techs* utilizaram, mais uma vez, os despistadores argumentos de “censura”, “ofensa à liberdade de expressão” e “ameaça à internet”.

No Brasil, o Projeto de Lei nº 4.255, de 2020, pretende inserir, na Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/1998), o art. 88-A, para que o titular de direitos de publicação de imprensa colocada à disposição do público na internet possa

notificar o provedor de aplicações de internet, requerendo tanto a indisponibilização da publicação, quanto a remuneração cabível. Na justificativa do projeto de lei, o autor denunciou a concorrência desleal que as empresas jornalísticas têm enfrentado em relação às gigantes da tecnologia.

A imprensa não pode depender, para a sua sobrevivência, apenas da receita publicitária de anunciantes. O Direito Autoral pode contribuir para a garantia da autonomia (financeira e de opinião) das empresas jornalísticas. Está sendo ingênuo quem defende a imprensa livre e ataca sistematicamente o Direito Autoral. Os inimigos do Direito Autoral costumam ser também inimigos da democracia. ■

---

*O jornalismo continua sendo uma atividade imprescindível para a democracia; indispensável para o combate à desinformação; vocacionado para enfrentar a odiosa cultura das fake news.*

---



# MUSEU DE IMPRENSA

Um lugar de memória



EM FOLHA



EM RÁDIO



EM TV

Olhe para a história através do nosso acervo.



Agende sua visita

E-mail: [museu@abi-bahia.org.br](mailto:museu@abi-bahia.org.br)

Whatsapp: 71 98425-8038



Associação  
Bahiana de  
Imprensa





Samira de Castro  
 Presidenta da Federação Nacional  
 dos Jornalistas - Fenaj

## Jornalismo, desinformação e o diploma

O Jornalismo se apresenta como uma forma de conhecimento cristalizado no singular, conforme a clássica definição do pesquisador Adelmo Genro Filho. Portanto, a atividade consiste no provimento regular de informações sobre eventos que têm impacto na vida de cada cidadão. Cabe ao profissional jornalista selecionar quais são, entre os incontáveis acontecimentos do mundo, os fatos relevantes para a vida em sociedade e estabelecer um patamar de informações comuns para o exercício da sociabilidade e o balizamento do debate público.

Apesar de sua relevância social, o Jornalismo é hoje a única profissão regulamentada do país para a qual não se requer qualquer requisito prévio de acesso ao registro profissional. Essa escolha foi legada ao Brasil pelo Supremo Tribunal Federal (STF), quando derrubou a Lei de Imprensa e, com ela, a exigência do diploma de nível superior específico para o exercício habitual e remunerado da atividade jornalística.

A história da regulamentação da profissão de jornalista no Brasil remonta ao início do século 20. Em 1918, em congresso nacional, a categoria aprovou a proposta da regulamentação, que somente se tornou realidade 20 anos mais tarde. O diploma, fruto de intensa mobilização desde o início do século passado, veio com o Decreto-Lei nº 972, de 1969, incluindo a formação específica para a emissão de registro profissional.

Os primeiros cursos de Jornalismo no país datam de 1940. Nestes mais de 50 anos, renomadas universidades brasileiras construíram o arcabouço de capacitação da categoria, oferecendo aos seus estudantes um conjunto organizado de conhecimentos, capaz de prepará-los para a atuação cotidiana.

Fato é que, até a decisão do STF, em 2009, foram quatro décadas de avanços na formação acadêmica e profissional dos operários da notícia, que transcenderam o domínio das técnicas e conceitos, contribuindo para a construção da consciência crítica em um mundo de constantes mudanças sociais.

Os ministros do STF tomaram uma decisão his-

tórica sobre o Jornalismo e sua prática no Brasil com base numa ideia equivocada do que é o Jornalismo: a mera expressão da opinião do próprio jornalista. Ainda que exista o gênero “Opinativo”, o Jornalismo, reforçamos, é apuração e difusão dos fatos e ideias de interesse público, para que as pessoas possam constituir seu juízo e agir em sociedade, exercendo o seu pleno direito à cidadania.

Cabe aqui destacar que a queda do diploma foi patrocinada pelas grandes empresas jornalísticas que queriam, ao mesmo tempo, não só escolher quem contratar, mas dizer quem é jornalista. Como consequência, os conglomerados albergados em entidades patronais como a Associação Nacional de Jornais (ANJ) passaram a contar com um exército de reserva de mão de obra e iniciaram um processo de retirada de direitos da categoria, com aviltamento de salários e péssimas condições de trabalho.

O mundo mudou e o Jornalismo ainda mais, desde a fatídica tarde de 17 de julho de 2009. As novas tecnologias comunicacionais colocaram em xeque todo o alicerce sobre o qual se sustentava a atividade jornalística: apuração baseada na realidade factual, classificação e distribuição das notícias. Até aí, tudo bem, pensam os que depositam na internet e, em particular, nas redes sociais, o ideal de liberdade informacional.

Num ambiente em que qualquer um pode ser jornalista, quem de fato o é? Quem produz informação apurada, verificada, de fontes credíveis, a partir de referenciais teóricos, técnicos e éticos. A disponibilidade quase inesgotável de “informação” pode levar a níveis antes inimagináveis de alienação. O excesso de “conteúdos” não ilumina. E quando o conteúdo é a mentira disfarçada de notícia, o cenário se agrava.

Mesmo que as novas tecnologias possam ter viabilizado o acesso a algumas das informações que o Jornalismo provia, suas funções específicas de seleção, hierarquização e humanização dos relatos factuais precisam ser preenchidas. E esse é um trabalho para quem se capacitou para isso: as e os jornalistas diplomados. ■



Washington Souza Filho  
Professor da Faculdade de  
Comunicação da Universidade  
Federal da Bahia

## O que mudou no mundo dos jornalistas desde 2009

**E**m relação ao próprio mundo, lembrar 2009 – o ano que, em 17 de junho, o Superior Tribunal Federal (STF) decidiu, por oito votos a um, suspender a obrigatoriedade do diploma para ser jornalista – significa, de alguma forma, falar sobre as mudanças do jornalismo e as consequências da decisão em relação à própria Corte. E, por extensão, o país, de que a exigência da formação limitava o direito à livre manifestação, através de publicações, sem um debate sobre a natureza da profissão.

O debate sobre ser jornalista não começou na sessão do STF. Como não terminou em 2023, 14 anos depois. Dos ministros que participaram da sessão, dois deles – Gilmar Mendes, o relator do processo, e Carmen Lúcia – ainda estão no órgão. Nove estão aposentados, entre os quais Marco Aurélio Mello, que votou pela manutenção do diploma, além de Joaquim Barbosa e Carlos Alberto Direito, ausentes da sessão.

Uma circunstância da sessão, para ser lembrada, é o argumento do Sindicato das Empresas de Radiodifusão de São Paulo, que apresentou o recurso, ao lado do Ministério Público, contra a decisão do TRF-3 a favor da formação. O pedido considerava que a exigência do diploma era um impedimento, por exemplo, para a atuação na internet, na elaboração de blogs.

A decisão contribuiu para o estabelecimento de uma realidade que os ministros do STF, incluídos os dois que restaram, tentam combater, a maior parte. A internet, de um tempo anterior, ao promover mudanças na comunicação, influenciou na forma de atuação dos jornalistas, como consequência das transformações do jornalismo que são refletidas na sociedade, sem que possa ser a culpada: a desinformação. O peso é acentuado, porque um pouco menos de dois anos antes, em 29 de junho de 2007, houve o lançamento do primeiro iPhone.

O jornalismo ampliou a diferença, pelo potencial do novo dispositivo – um *smartphone* –, entre outras mudanças permitidas pela tecnologia. Os recursos que, progressivamente, foram incorporados à rotina de jornalistas, além das empresas de comunicação e dos cidadãos, para a publicação em redes sociais. O pranteado direito à liberdade de expressão ficou menor que a consideração de que para ser jornalista não precisava de diploma.

O debate, que não começou na sessão do STF realizada em 2009, surgiu no Brasil como um esforço classista: a formação em nível superior em Jornalismo. No início do século passado, em 1908, houve a primeira proposta para a criação no Brasil

de um curso, na mesma época da fundação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Os cursos de Jornalismo no Brasil surgiram no fim dos anos 1940, inicialmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. A Bahia implantou o primeiro curso, em 1950, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), ainda que fosse baseado em seminários. Uma situação alterada a partir de 1962, quando houve a mudança do projeto pedagógico.

O ensino de Jornalismo está consolidado na Bahia e no Brasil, mesmo que existam limitações que precisem ser superadas.

---

*O ensino de Jornalismo está consolidado na Bahia e no Brasil, mesmo que existam limitações que precisem ser superadas. A suspensão do diploma não serviu como uma barreira para a formação.*

---

A suspensão do diploma não serviu como uma barreira para a formação. O processo atual, com um atraso em relação à reestruturação, a partir de 2013, por decisão do Ministério de Educação, marca a volta de uma graduação com nome próprio – Jornalismo –, não mais uma habilitação em Comunicação.

A decisão do STF, mesmo que mantida por um tempo mais longo do que o esperado, não retirou o desejo de quem busca na formação o percurso que parece ser o natural para ser jornalista. A luta agora deve ser para o restabelecimento do diploma. ■



Yuri Almeida  
Jornalista, mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. Especialista em Jornalismo Contemporâneo (Unijorge) e Marketing (USP).

## Ética em tempos de *deepfake* e inteligência artificial

Quando, em 1950, Isaac Asimov criou as três leis da robótica em seu livro “Eu, Robô”, os debates sobre inteligência artificial, *machine learning*, *deepfake* e demais discussões em torno das questões éticas da tecnologia sequer estavam no horizonte. Mesmo assim, a antecipação feita por Asimov, há mais de 70 anos, já sinalizava para uma questão: limites. As três leis da robótica de Asimov são: 1- um robô não pode ferir um humano ou permitir que um humano sofra algum mal; 2 - os robôs devem obedecer às ordens dos humanos, exceto nos casos em que essas ordens entrem em conflito com a primeira lei; 3- um robô deve proteger sua própria existência, desde que não entre em conflito com as leis anteriores.

Ainda que os postulados do pensador russo não tenham como objetivo resolver o problema da ética universal das máquinas, é uma visão, sobretudo moral, para o desenvolvimento da tecnologia, que deve promover o bem-estar da sociedade, auxiliar na evolução humana e solucionar problemas complexos. Esse desenvolvimento tecnológico, inclusive, não deveria ocorrer na dicotomia humanos x máquinas que a mídia utiliza comumente. Pierre Lévy, em seu livro “Cibercultura” (1999), também já pontuava que a tecnologia é uma criação humana e a relação com ela depende de nós mesmos. O filósofo canadense Marshall McLuhan (1964) argumentava que os meios tecnológicos criam um ambiente dentro do qual as nossas ações são realizadas. Assim, os meios de comunicação são extensões do homem e ajudam a moldar a nossa forma de pensar, agir e de ser.

A tecnologia como extensão do homem é o grande debate ético, pois acende os holofotes mais so-

bre a condição humana do que sobre as máquinas. Em 2016, por exemplo, Tay, a inteligência artificial desenvolvida pela Microsoft, foi desativada em menos de um dia, pois logo começou a reproduzir comportamentos racistas e atitudes preconceituosas dos seres humanos. O que dizer dos celebrados sistemas de reconhecimento facial? No Brasil, a tecnologia aprofunda o racismo estrutural, uma vez que as bases das características que se usa para treinar as máquinas são justamente as de rostos

de pessoas que foram brutalmente escravizadas e depois jogadas à margem da sociedade. Um levantamento feito pela Rede de Observatórios da Segurança em 2019 apontou que 90% dos presos por meio do reconhecimento facial no país eram negros, ou seja, a tecnologia espelha a base racista brasileira, ainda mais que a taxa de erros de identificação é maior em pessoas negras, em especial em mulheres negras.

Na comunicação, é preciso se atentar para duas questões. Primeiro, o enquadramento que os meios de comunicação utilizam para abordar o avanço tecnológico que, quase sempre, é colocar as máquinas como vilãs para a humanidade. O aspecto

que a mídia deveria pautar sobre inteligência artificial é o componente humano e não os componentes técnicos. Afinal, o botão capaz de gerar e espalhar uma *deepfake* é o mesmo que pode produzir uma série educativa sobre os efeitos dos *mass media*. O segundo, diz respeito ao fazer e pensar a atuação profissional. Que fique evidente: não existe mais fazer comunicação sem tecnologia e toda e qualquer tecnologia deve ser absorvida, estudada e incorporada no cotidiano comunicacional.

Se a dimensão ética da comunicação é servir à humanidade, ser aliada da tecnologia é condição *sine qua non* para combater, inclusive, os desvios tecnológicos feitos pelos humanos. ■

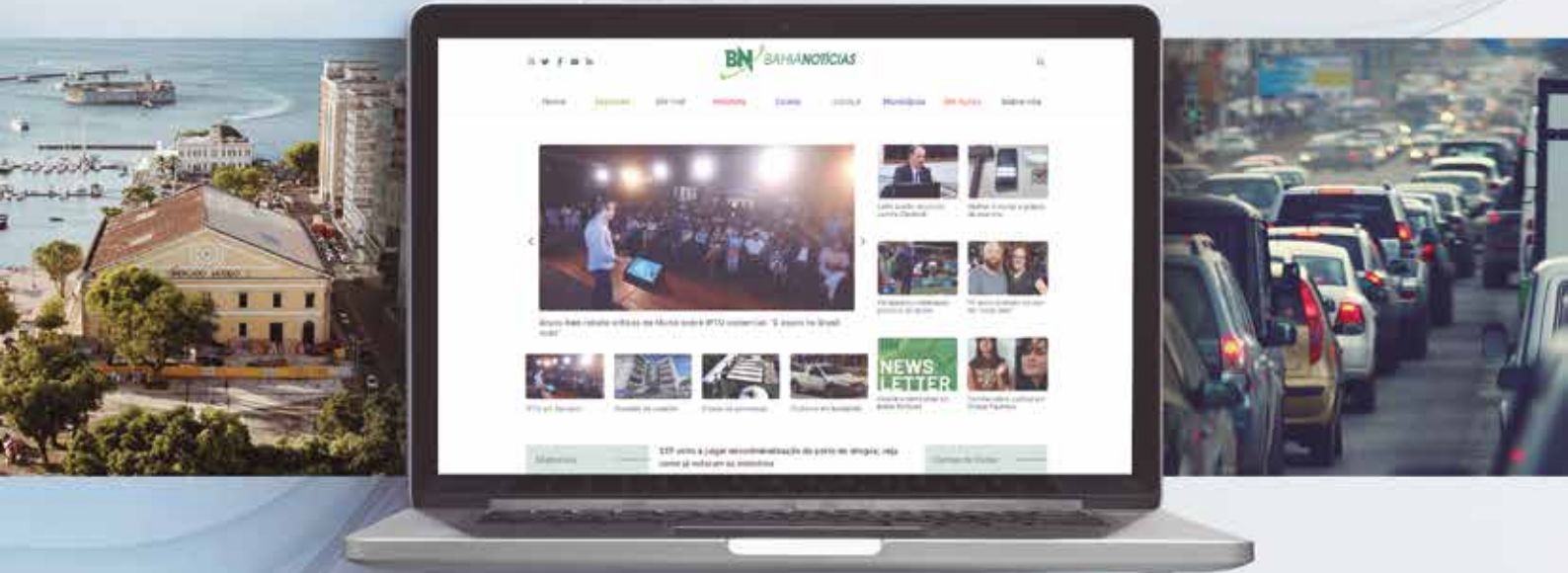
---

*Um levantamento feito pela Rede de Observatórios da Segurança em 2019 apontou que 90% dos presos por meio do reconhecimento facial no país eram negros, ou seja, a tecnologia espelha a base racista brasileira.*

---



TEM GENTE  
MAL INFORMADA  
NESTE MOMENTO.  
**ESPERAMOS QUE  
VOCÊ FAÇA PARTE  
DO OUTRO  
GRUPO.**



Na tela ou no áudio,  
**você sempre bem informado.**

Acompanhe as notícias do mundo através do site mais completo da Bahia **bahianoticias.com.br** e podcasts nos tocadores de áudio.

Somos **BN** BAHIANOTÍCIAS

Política | Esportes | BN Hall  
Holofote | Saúde | Justiça  
Municípios | BN Autos



BN na Tela | Bahia Notícias no AR | Podcast Terceiro Turno | BN na Bola | Autos e Motos  
Bagunça Podcast | Projeto Prisma | Curtas e Venenosas | Curtas do Poder | RBN Digital

Siga nossas redes: @bahianoticias | /bahianoticias



## Entrevistas



FOTO: MAU ROCHA

**O** nome de José Alexandre Seixas se confunde com o desenvolvimento da TV na Bahia. Ele começou como contrarregra na TV Itapoan e foi aprendendo todos os meandros da emissora, chegando à coordenação de programação, quando passou a criar produções locais que preencheram, na década de 1980, quase 80% da programação, obtendo picos de audiência capazes de enfrentar a liderança da Globo. Ao mostrar a vida e a cultura dos baianos na televisão, em contraste com a programação das concorrentes, com atrações majoritariamente produzidas no Rio de Janeiro e São Paulo, Seixas abriu um caminho de sucesso

na mídia local. Foi pioneiro, por exemplo, na transmissão ao vivo das festas religiosas e populares da cidade, como a Procissão de Nosso Senhor dos Navegantes, Iemanjá e o carnaval. Generoso com os colegas, incentivou porteiros e um motorista a aprenderem profissões técnicas nas emissoras em que trabalhou, assim como ocorreu com ele próprio, que também foi ajudado no seu início de carreira. Aos 80 anos, e atualmente coordenando a Rádio Câmara, do Legislativo de Salvador, vem inovando e lançando programas que vão além do campo político, como jornalísticos e de entretenimento. Ele contou sua trajetória à jornalista Carolini Assis.

‘Comecei como  
arrumador de cenário  
e *cheguei a*  
*coordenador*  
*de programação e*  
*produção*’

**Como você iniciou a sua trajetória no jornalismo?**

Meu pai, guarda-civil na época, com muito esforço, me colocou para estudar no Colégio de São Bento, um colégio mais ou menos de elite. Aos 16 anos, ele faleceu e virei arrimo de família. Foram tempos difíceis. Passei fome, uma roupa só. Minha mãe consertava o fundo da calça. Um dia, passando pela Avenida Sete, ouço alguém me gritar: “Seixas!” Era um ex-colega meu: Nilton Alecrim. Conversa vai, conversa vem, perguntou se eu estava trabalhando. Não! Então, ele me disse que estava tomando conta do arquivo de jornalismo da TV Itapoan. Na época, o jornalismo era produzido com câmera e filme. “Vá lá que eu quero lhe apresentar a Alecy Oliveira, cenógrafo da emissora”. Fui no dia seguinte e para minha sorte, Alecy gostou de mim: “Tem uma vaga pra contrarregra”. Perguntei o que era um contrarregra, ele deu as coordenadas e eu: Quero trabalhar! Minha voz fica até embargada. Eu era um arrumador de cenário e menos de um ano depois, surgiu uma vaga para assistente de estúdio. O assistente de estúdio comandava toda a equipe do estúdio, a partir das ordens do diretor de TV. Pois bem, a equipe do estúdio pediu à direção para me colocar como assistente de estúdio, para eu ser chefe deles. Eu achava que as pessoas me olhavam como um “serventezinho”. E assim virei assistente de estúdio. Pouco tempo depois, o próprio diretor técnico, Mário Alberto, perguntou

se eu tinha interesse em treinar para cameraman. Claro que sim! Resultado: passei três meses empurrando aquela câmera RCA que pesava uns 40 quilos, uma torre com quatro lentes e a lente 90. Tudo isso para aprender movimento.

**E na hora do jornal?**

O jornal era uma coisa fixa. Um dia, na hora do jornal, Adriano Caetano, cameraman do estúdio pediu para eu enquadrar a câmera do jornal. Lá fui eu, enquadrei e fiz o jornal, todo cheio de pose. Quando acabou, Mário Alberto me chamou: “Quem lhe autorizou a operar a câmera? Eu autorizei? Então não faça mais isso. Você não está pronto para ser câmera”. Algum tempo depois operei câmera. Como cameraman, fiz alguns programas. Fiz “Um instante, Maestro”, de Flávio Cavalcanti, que lançou Armandinho. Foi gravado no Teatro Castro Alves. Ah! Logo quando eu cheguei, fiquei (eu, não, todo mundo), seis meses sem receber. Uma crise danada.

**Num período que você estava precisando tanto, né?**

Pois é! No início mesmo, eu recebi. Depois começou a degradingolar. E certo dia a TV incendiou. Tinha dois [aparelhos de] videotape grandes: um da Maxwell e outro da RCA Vitor, que era mais antigo. O da Maxwell derreteu, o da RCA ficou inteirinho. Foi ele que permitiu a gente botar o jornal no ar. Depois da cri-

se, eu já fazia o [programa] “Som do Big Ben”, mas eu só era coordenador. Em 1983, o filho de Pedro Irujo voltou dos Estados Unidos, onde estava fazendo um curso, e achou que era um gênio da televisão e tentou interferir. Então, eu disse: Vou embora, que vou bater de frente com o filho do dono da empresa. Ele quer que o filho mostre a capacitação que tem - que aliás, não tinha, nem tem. A minha mulher, na época diretora de mídia na Propeg, Elaine Wermelinger, me disse: “Dá uma força lá a Fernandinho” - Fernando Henrique, que assumiu a TV Bandeirantes. O salário não era nem a metade do que eu ganhava na Itapoan, mas aí avaliei: “Como é que vou ficar aqui?”

Eu incentivava Pedro Irujo a ser o Roberto Marinho do Nordeste. E disse: *Seu* Pedro, estão vendendo um canal de TV em Sergipe e outro no Pará! O senhor faz uma rede particular como a RBS do RS, vai fazer sucesso. Mas [o radialista] França Teixeira ficava: “Você devia ser político, que aí seu poder vai aumentar”. Irujo viajou nessa maionese, virou deputado federal. França o incentivou a ser oposição a Antonio Carlos Magalhães. Foi o maior tiro no pé que eles deram. Juntou ele, *seu* Mamede (Paes Mendonça), Luís Vianna e Nilo Coelho. Eles promoveram a candidatura de Waldir Pires que, eleito governador, fecha a Cesta do Povo. Para ter o apoio de seu Mamede, ele teve que fechar a Cesta do Povo, que concorria com outra rede de supermercado dele, o Petipreço. ACM pegou o vice-presidente da República e cancelou os contratos das empresas de transporte de Pedro Irujo com a Petrobras e ainda meteu o pessoal da Receita Federal nos escritórios de *seu* Mamede, conferindo (as contas). E empresário não vive sem sonegar... Irujo se desencantou, também, porque viu que o filho não dava a resposta que ele esperava. Resolveu vender a televisão para a Igreja Universal. Mas nessa época eu já tinha saído.

### **Vamos relembrar um pouco esses programas que você criou e colocou na grade da programação da Itapoan.**

A minha estratégia era mudar o horário do Sílvio Santos [no domingo]. E lancei [nos dias de semana] a programação infantil da tarde, com resultado fantástico com Mara no “Clube do Mickey”. O diretor de Negócios do SBT na época veio à Bahia, porque mudamos o horário do programa de Sílvio Santos. E ele: “O contrato estabelece. Tem que começar 11 horas e tal”. Falei: Eduardo (José Eduardo Marcondes), olhe o Ibope da TV Itapoan com Sílvio entrando meio-dia. Ninguém dá essa audiência no Brasil pra Sílvio Santos. Ele viu a programação da tarde com “O Parquinho”, “Bombom Show”, “Clube do Mickey” e conferiu o que eu tinha dito. Depois, disse: “Deixe a programação como está aí. Vou falar com Sílvio”. Foi isso que estabeleceu uma estratégia na própria rede, que empurrou o programa de Sílvio para meio-dia e conseguia quebrar a audiência do Fantástico.

Porque Sílvio tinha um público cativo. Não ia ganhar do Fantástico, mas diminuía a vantagem na audiência. Lancei 20 programas locais. Eles ocupavam 70%, quase 80% da programação. Isso gerou uma audiência muito considerável. Em setembro de 1982, nós atingimos [de pico] 29,4% ou 29,5% de média [de audiência] na TV Itapoan. Era a maior audiência no Brasil fora a rede Globo.

### **Como era a programação de domingo?**

Tinha a missa, às 7 da manhã. Depois entravam nossos programas locais. Reproduzia um programa que exibida durante a semana e, a partir das 11 horas, entrava com o programa “Domingo É Dia de Show”, uma seleção de clips. A gente exibida esse programa já pra puxar uma audiência para o Sílvio Santos que, em vez de 11, começava meio-dia. E às 9 da noite, quando Sílvio terminava, entrava o “Lance Livre”, um programa de esporte. Também, certa vez, comprei um pacote com quarenta filmes de kung fu. Minha audiência na noite de domingo era tranquila, ganhava de um monte de gente. Empatava com o “Fantástico”, mas quando dava 9 horas, que o esporte entrava, aí pronto. Porque a gente já fazia os jogos do Campeonato Baiano aos domingos. Com isso, e com a faixa de programas que lancei ao longo da semana, de tarde e à noite, a programação da TV Itapoan era bem local. Eu não respeitava nada do SBT. Só fui respeitar quando Irujo foi incentivado a ser político e começou a aceitar as pressões da rede: “Bota novela” - o que era uma burrice, porque não dava pra competir com a Globo em novela, às 7 da noite. Aí, eu pensei: Vou é me embora! Já provei o que tinha que provar! Disse: *seu* Pedro, agradeço a confiança que o senhor me depositou ao longo desses anos. Espero ter correspondido, mas vou embora. Ele disse: “Não vou perguntar porque você quer ir” - ele sabia que era por causa da pressão do filho. “Mas no dia que você precisar, pode falar, que você vai contar comigo! Eu é que quero lhe agradecer por tudo que você fez”. Então, eu saí e fui pra Bandeirantes. Chegando lá, abandono total. De rato passar, assim, no corredor. A potência da TV não chegava na Pituba. A conversa era: “Mas tá chegando um transmissor novo, não sei o quê...” E eu pensava: O que é que eu vim fazer aqui? Não tem teleprompter! Eu fiz um teleprompter com motor de toca discos, uma prancha, duas roldanas e uma lona. Os papéis passavam na frente da câmera bem devagarinho pra Armando Mariani apresentar o jornal. Tudo inventado, um armengue danado. E aí, naquele ambiente político na Bahia, Pedro Irujo tentou lançar Fernando José como candidato a prefeito. Fernando saiu da TV. Varela (Raimundo), que auxiliava ele, achou que ia assumir o “Balanço Geral”, mas *seu* Pedro bota Djalma Costa Lino no lugar. Modéstia à parte, um grande narrador, mas um péssimo apresentador. E Varela, com aquele jeito turrão dele, pediu demissão e saiu. Foi dirigir táxi. Quando soube que eu estava na Bandeirantes, foi me procurar: “Alex,





▲ O início da carreira na Itapoan e a carteirinha da Associação Bahiana dos Cronistas Desportivos (ABCD), já na Bandeirantes.

arranja um negocinho para eu trabalhar...” E pensei: Esse cara, com esse temperamento, vai dar certo em televisão. Pra época. Falei com Roberto Rocha, que já tinha assumido a televisão, mas ele vetou. Eu: Rocha, bote o cara vou lançar um programa com ele 7 da manhã. Depois de muito resistir, Rocha aceitou, mas me disse: “Olhe, a primeira merda que ele fizer, sai você e ele!” Tudo bem! E lá vai Varela pro programa “Jogo Aberto”. Fernando Barros, um dos donos da Propæg, gostava também de Varela e disse: “Pode botar Varela que eu arranja patrocinador!” Foi ele quem deu a ideia de usar os famosos cartões. “Quando Varela der uma notícia boa, ele bota o cartão verde. Quando for uma notícia ruim, uma droga, ele mete o vermelho”. E pegou. Quando Varela foi pra Itapoan, exigiu que eu voltasse pra ajudar ele. Fui, mas já não era mais a mesma coisa. E [pouco tempo depois] eu disse: Vou-me embora.

**Com relação ao seu primeiro período na Itapoan: daqueles programas que você montou, em dois deles você queria apresentadores negros. O quanto isso era inovador naquela época?**

Muito inovador. Como foi inovador o fato de eu ter sido chamado para ser diretor de programação e de produção. Era impossível pensar num negro... Na época, recebi como um desafio. Acho que Deus me iluminou um pouco. Nasci com esse dom de liderança, que é uma coisa inata. Não tem escola que ensine. Minha fama na Itapoan é de que eu era muito durão. Agora, pergunte qual foi a injustiça que eu cometi? Eu cobrava responsabilidade.

**Muitas pessoas que passaram pela sua batuta ficaram famosas, como o estilista Di Paula, né?**

“Di Paula na Intimidade”. Era o programa mais censurado na TV. Na época, a censura jogava duro. Durante o período de campanha eleitoral, por exemplo,

os candidatos vinham fazer os programas deles ao vivo, com o juiz-censor sentado ali junto. Doutor Roberto Albiani. “Corta aí, Alexandre, corta. Senão, os *home* vão encher o saco da gente aqui”.

**Geralmente, o que é que era cortado?**

Qualquer coisa que ele julgasse que estava atentando contra a “revolução”. “Tortura nunca mais!”: *Corta!* Como era muito difícil cortar - porque, o cara falou, já ia pro ar -. Eles, então, impuseram a gravação antecipada e censuravam. Na época, era câmera de 16mm. Traziam o filme, revelavam no negativo, projetavam para o redator olhar as imagens e fazer o texto em cima das imagens para, depois, o apresentador ler no ar. Não tinha edição, não tinha porra nenhuma. Resultado: o censor, faltando 5 minutos para começar o jornal, mandava o fax: “De ordem, fica proibida a exibição de qualquer matéria referente a tal assunto assim, assim”. Às vezes, a matéria estava na programação, aí era uma correria *retada*. Porque se não cortasse... E quem era o homem forte aqui na Bahia? Luiz Arthur de Carvalho. Era o homem da censura. Coronel do Exército. E ele cortava mesmo, viu?

**Hoje, quando você olha para trás, o que é que lhe dá saudade?**

Pra mim, o passado foi. Não me dá saudade. O que me dá esse convencimento é que todas as missões que me foram designadas eu cumpri. A prova é o reconhecimento de todas as pessoas daquela época, e que viram meu trabalho, me reconhecem. E muitos ainda me chamam de mago. E aí, pretos, brancos, mulatos, sarará, todos, entendeu? Fico feliz por isso. Tenho 80 anos e aos 78 fui obrigado, no bom sentido, a assumir a coordenação da Rádio Câmara. Algum mérito eu tenho para a pessoa ter insistido tanto. Não tenho nenhum viés político, sou isento. O que eu faço é cumprir as minhas tarefas com toda a qualidade possível, dentro do que for possível.

**O que você vislumbra, no alto dos seus 80 anos, da comunicação no estado da Bahia? Muitos profissionais se formarem à frente das câmeras, com suas carreiras consolidadas, como Katia Guzzo, né?**

Kátia, Aline Menezes, Luzia Santana. Zuleica Andrade já foi na Bandeirantes. Ela era estagiária de jornalismo, ficou lá até hoje e com todo mérito é a diretora de jornalismo. Na Band, quando assumi, dentro das minhas lembranças das oportunidades que me deram para eu crescer, também sempre tive essa preocupação. De dar oportunidade àqueles que estão querendo uma chance. Às vezes, o talento está ali, obscuro, mas ele pode crescer, se for dada uma chance. Dos quatro operadores de controle-mestre da Band, três foram porteiros que eu promovi. Tem um cara que era motorista, bateu o carro e perdeu uma visão. Eu botei ele como cameraman, pode?

Imagine o orgulho que ele ficou. “Ele só tem uma visão. Não pode operar”. Pode, sim! Não vai ser cinegrafista, mas vai abrir a câmera e operar no estúdio. Tem Zéu Mattos, que lancei também como repórter. Jô Moreira. Quando dei a primeira oportunidade a ela, na época não tinha celular, ela virou a produtora com maior agenda de telefones da cidade. Era muito boa. E continua sendo. Adoro ela, porque foi uma menina que pegou uma oportunidade e foi atrás. Outra: Isabel Cristina. Hoje é chefe do núcleo de Cidade do Jornal A Tarde. Ela era auxiliar de produção. Era um foguete para trabalhar. Está sempre fazendo contato comigo, pedindo sugestão de pauta. Hoje, estou numa rádio pública. Não vou fazer muita coisa? Vou, sim! Não vou ficar botando só programação de política. É uma rádio! Então, tem o “Mundo Musical”, todo com música de domínio público. Música da década de 1960 para trás. Recebo tanta ligação de gente elogiando. Também tem o “Café Duplo”, que é jornalismo. E muito mais.

#### **Você tem alguma mágoa?**

Isso envenena o espírito. Levei algumas pancadas fortes, mas mágoa não tenho, pelo contrário. Com tanta gente jovem com ideias na cabeça... eu posso não estar por dentro das modernidades tecnológicas, mas não é isso que cria: o que cria é a mente.

E posso falar, também, de um dos caras que está coordenando esse tipo de trabalho: Ernesto Marques. Conheci Ernesto, o anarquista (risos). Adoro aquele cara. Brigão. Muitas das conquistas dos radialistas foi graças à impetuosidade dele, à persistência dele e, inclusive, sendo até impedido de exercer o trabalho em veículos por conta desse jeito de ser. Foi uma pessoa que deu uma contribuição muito grande para as conquistas dos profissionais de comunicação, do radialismo. E como detalhe: Não sou jornalista, sou radialista. Porque na época da mudança da lei, o radialista que trabalhasse em comunicação, com notícias, essas coisas, mesmo sem ter a formação na faculdade, poderia fazer o registro de radialista. Eu me recusei. Só aceitaria se tivesse feito a faculdade de jornalismo, mas não fiz. Muita gente pegou o registro. Isso não quer dizer que não tenha qualidade.

#### **Você sentiu diretamente o racismo? Alguém chegou a te falar algo?**

Falar algo, não. Mas eu ia para as convenções do SBT, almoçava com José Eduardo Marcondes numa churrascaria famosa, entrava num auditório, olhava em volta e via que só tinha gente branca. O único negro era eu. E Marcondes: “Alexandre Seixas vem aqui, senta aqui do meu lado! Na mesa”. Ele dizia: “Alexandre é diretor de programação de Salvador, a maior audiência no Brasil fora da rede Globo. Aprendam com ele, viu?”. Terminadas as reuniões, muita gente vinha conversar comigo querendo saber como eu conseguia tanta audiência. Isso me envaideceu.



FOTO: KAU ROCHA

*Mas eu ia para as convenções do SBT, almoçava com José Eduardo Marcondes numa churrascaria famosa, entrava num auditório, olhava em volta e via que só tinha gente branca. O único negro era eu.*

Aconteceu também na TV Bandeirantes. Tive todas as chances de ganhar muito dinheiro, mas hoje não teria a chance de deitar minha cabeça no travesseiro, nem ter reconhecimento profissional.

#### **O que é que aquele jovem que começou como contrarregra, hoje, 60 anos depois, tem mais orgulho em sua vida profissional?**

De ter contribuído para a consolidação da TV na Bahia do ponto de vista artístico e de programação. Foram muitos produtos feitos.

#### **Qual te deu mais alegria?**

Relançamos “Ao Pé da Fogueira” e o “Miss Bahia”; lançamos o primeiro torneio de vôlei de praia de Salvador; transmitimos, pela primeira vez ao vivo, a Procissão de Nosso Senhor dos Navegantes. De dentro da galeota! Você não tem ideia do que foi fazer aquele negócio... Nós tínhamos quatro pares de micro-ondas, botamos um deles numa lancha de Pedro Irujo, outro na Praia da Boa Vigem, de frente pro mar, pra pegar esse sinal, e outro jogando de lá para a torre da TV Itapoan. Por conta do sucesso dessa transmissão, fizemos também, pela primeira vez, o Presente de Iemanjá. Cristóvão Rodrigues pulou na água, quase danifica o microfone, e transmitiu a festa de dentro d’água. Com o entusiasmo do pessoal, pela primeira vez, transmitimos o carnaval com pontos de transmissão no Campo Grande, nas Mercês, no Forte de São Pedro, na Praça Castro Alves e na Praça Municipal. Imagine... Era complicadíssimo. Nós fizemos o primeiro desfile dos gays aqui, ao vivo. A Igreja Católica quase fecha a televisão. Então, a única coisa que posso dizer é que minha missão foi cumprida. Em todos os aspectos. ■



# SEJA UM CIDADÃO FISCALIZADOR

Você é fundamental para  
combater a corrupção e  
evitar o desperdício de  
dinheiro público.

Ao constatar irregularidades,  
denuncie nos canais do TCE/BA.

(71) 99902-0166 

0800 284 3115 

[www.tce.ba.gov.br](http://www.tce.ba.gov.br) 

[ouvidoria@tce.ba.gov.br](mailto:ouvidoria@tce.ba.gov.br) 



TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DA BAHIA





FOTO: KAU ROCHA

**L**ady Eva, nascida Evanice Maria dos Santos, escolheu o Jornalismo como profissão, a despeito da oposição do pai, para se engajar na luta pela igualdade social no Brasil. Uma das primeiras afrodescendentes a trabalhar na TV baiana, iniciou a carreira na Itapoan e no Diário de Notícias, em 1972, mas firmou-se no jornalismo escrito atuando mais na Tribuna da Bahia onde, além das matérias da editoria política, assinou a icônica coluna social “Lady Eva”. Depois, passou à dupla jornada - condição que muitos jornalistas se viam obrigado a cumprir para melhorar a renda - trabalhando também

no jornal A Tarde. Como repórter, durante a ditadura, costumava cobrir os presos políticos na Penitenciária Lemos Brito. Ela foi uma referência para as mulheres negras que pensavam em entrar no jornalismo, mas temiam um meio onde predominavam os homens de pele branca. Lady Eva enfrentou a tudo e a todos. Para ela, jornalista tem que ter, sobretudo, dignidade, honrar a sua profissão e ter coragem, sem se intimidar com “caras feias”. Nessa conversa conduzida pelo jornalista Kau Rocha (KR), foi entrevistada também pelas colegas Jaciara Santos (JS), Isabel Santos (IS), Wanda Chase (WC) e Carolina Gomes (CG).

# Um jornalista *não pode ter compromisso com a safadeza de ninguém*

## **Lady Eva, onde você nasceu?**

Nasci em São Domingos, que é um lugarzinho próximo, na Liberdade [Salvador]. E de lá, meu pai mudou-se para a Cidade Baixa. Eu estudava no colégio São João Bosco, particular. Depois que terminei o ginásio, meu pai perguntou: “Você já escolheu a profissão que você quer? Porque você vai entrar numa escola que eu não gostaria. Os revolucionários estão todos lá”. Era o Colégio Central. E ele não sabia que a filha dele seria uma das estudantes que chegaria em casa toda “ralada” (risos). Um dia, meu pai se apavorou: “Vou lhe tirar da escola. Isso não é pra você não, minha filha. É pra quem já está dentro do processo. Você está chegando agora, é ingênua. As pessoas vão te usar, tá entendendo? Não vou perder uma filha desse jeito”.

## **Isso no Colégio da Bahia, o Central?**

Exato. “Eu não queria que você fosse pra essa escola”. Porque lá era o foco, né? Aí pronto, fiquei um tempão sem ir à escola. Mas terminei meu curso, depois fiz o vestibular e entrei logo na universidade. Na época, a concorrência para Jornalismo era muito forte. Quando passei, foi uma festa, fiquei tão feliz! Eu só vivia com um monte de jornal do lado já me vendo dentro

do papel de jornalista. Aí meu pai: “Minha filha, não gostei, não. Você está muito marcada”. Eu falei: O que é que posso fazer, se minha predestinação é essa? Ele disse: “Você está muito sonhadora. Não sonhe com isso, não, que isso pode ser o fim da sua vida”. E eu fui um sucesso!

## **Wanda Chase – Mas por que, justamente, jornalismo?**

Certamente, a academia já tinha visto alguma coisa referente à minha militância, né? “Você vai chegar lá pra fazer subversão...”. Chamavam subversão. E a gente fazia mesmo. Fazia cada passeata monstro! Até hoje, tem muitos presos e outros desaparecidos. E meu pai, então, me trancou em casa: “Não vai esse ano para a escola. Não vou perder minha filha pra uma ditadura. Quem ama você sou eu!”. Mas, meu pai, eu também amo minha pátria!

## **Jaciara Santos – Agora, em parte, seu pai tinha uma certa razão. Jornalismo não era para preto. Na sua formatura você era a única negra.**

Exatamente. Lutei muito. Ainda lembro de tantas barreiras que eu enfrentei, meu próprio pai me desestimulou: “Minha filha, Jornalismo não é pra mulher, não. Jornalismo é para homem, porque ele pode

se defender. E você? Vai se defender como? Por mim, você não vai fazer esse vestibular". Mas eu fiz. Aí, os vizinhos todos me parabenizando, os colegas me parabenizando: "É uma guerreira!".

**Carolina Gomes – E agora, estão na sua frente quatro mulheres negras, jornalistas. Como é que você vê isso hoje?**

Pois é, foi um tempo marcante pra mim. Até hoje é. Eu digo: É verdade... Graças a Deus. Obrigada, meu Senhor, por eu fazer parte da história do meu país, por lutar pela liberdade de todos.

**JS – Na Faculdade de Jornalismo da UFBA, você era a única negra da turma. Como era essa convivência com seus colegas?**

Eu era a única negra da turma. Me chamavam de neguinha. (risos).

**JS – Por que você se transformou em Lady Eva?**

Foi na época em que a rainha da Inglaterra estava soberaníssima lá, cheia de loas pelo mundo inteiro. Eu digo: Ô! Não tem nenhuma neguinha? Eu vou ser a primeira! (risos) A melhor neguinha do Brasil. Eu gostava muito de chacoalhar com as coisas, sabe? Isso também é do meu perfil. Então, me acostumei com aquilo, todo mundo se acostumou com aquilo, e eu levei todo o tempo da minha vida profissional sendo chamada de Lady Eva. Como até hoje me chamam.

**CG – E quando foi que Lady Eva se tornou nome de coluna de jornal?**

Foi um colega que brincava muito comigo, e dizia assim: "Você é a nossa Lady". Foi na época que Lady Day apareceu no mundo inteiro. Aí disseram: "Você é a nossa Lady Eva. A neguinha Lady Eva". E isso pegou [na coluna].

**WC – Agora, Eva, voltando lá pra sua infância...**

Ô, minha filha... (e cantarola:) *Lá vai a nega do cabelo duro*. Eu ouvi isso tanto na minha vida. Eu ficava morrendo de raiva. Foi aí que veio aquela história de alisar os cabelos, surgiram uns cremes que alisavam os nossos cabelos. Fui uma das primeiras, queria me libertar daquela consumição de sair na rua e *neguinho* me pichar de tudo que era coisa.

**WC – E as roupas? Porque na minha infância era pra se usar tons pastéis, claros. Vermelho, não se usava. Amarelo, não se usava. Tons claros, não. Você se via como uma negra, uma menina preta?**

Eu sabia. Porque eu não tinha por onde escapar. A minha família é toda de origem negra, é raiz negra de verdade mesmo. A família toda é de Santo Amaro da Purificação, um dos lugares mais negros que tem aqui na Bahia. E eram do candomblé, inclusive. Agora, eu nunca gostei de candomblé, porque eu era

cristã. Não aceitava nada mais, além de Cristo. Minha irmã, sim. Chegou até a participar de um terreiro de candomblé onde fez a cabeça dela. Meu pai se revoltou terrivelmente. Nunca me interessei. Já tinha a minha religião, minha eleição era Cristo. Cristo era o meu redentor. Foi um homem que também morreu por milhões de pessoas das diversas espécies do mundo pra resgatar a gente daquela crueldade que existia antigamente.

**CG – Como foi a primeira vez que você pisou numa redação? Foi na Tribuna da Bahia? ?**

Trabalhei na Tribuna, no Jornal A Tarde, no Jornal da Bahia, no Diário de Notícias e na TV Itapoan. Comecei na Tribuna como repórter. Depois, no A Tarde. Cheguei a trabalhar nos dois ao mesmo tempo. De dia, como repórter no A Tarde e à noite, na Tribuna, como revisora.



FOTO: ARQUIVO DA TRIBUNA DA BAHIA

*Comecei na Tribuna como repórter. Depois, no A Tarde. Cheguei a trabalhar nos dois ao mesmo tempo. De dia, como repórter no A Tarde e à noite, na Tribuna, como revisora.*





▲ *Acima, no tempo do cabelo alisado.*  
▶ *E as tranças, símbolo da negritude.*



◀ *Ao lado, posando com a cúpula do Jornal da Bahia.*  
▼ *Abaixo, homenageada por sua trajetória no jornalismo.*



*Antonio Carlos Magalhães foi quem me maltratou. Era um homem tão estúpido, ignorante, terrível. Quando cheguei lá, estava com crachá, ele perguntou: “O que você veio fazer aqui?”*

**CG - Em que editoria você trabalhava na Tribuna?**  
Cobria todos os políticos presos nas penitenciárias. Essa pauta era sempre minha. Política de um modo geral. Raramente fazia matéria da editoria de geral. Só quando tinha que ir para outra cidade, aí eles me mandavam. É como se eu fosse uma repórter especial.

**JS - Quando você foi barrada pela segurança do então governador ACM, você trabalhava na Tribuna?**  
Trabalhava na Tribuna, que estava brigando com Antonio Carlos Magalhães. Antonio Carlos Magalhães foi quem me maltratou. Era um homem tão estúpido, ignorante, terrível. Quando cheguei lá, estava com crachá, ele perguntou: “O que você veio

fazer aqui?” Vim fazer uma entrevista com o senhor. Ele olhou pra mim e deve ter pensado: “O que é que essa neguinha quer?”. Ele não disse isso, mas falou: “Retire-se daqui!”

**CG - E você fez o quê?**  
Respondi: Estou cumprindo uma missão profissional garantida por direitos, inclusive, adquiridos juridicamente. Sou uma jornalista. Como ele era muito debochado, disse: “Ah, quer dizer que você é jornalista e trabalha para aquele canalha do seu patrão...”. Meu patrão era Joaci Góes. Eu disse: Olhe, senhor, não me interessa a vida dele, me interessa o meu trabalho.

# A Bahia de mãos dadas contra a fome

**Acesse [bahiasemfome.ba.gov.br](http://bahiasemfome.ba.gov.br)  
e saiba como doar alimentos.**

Nos últimos anos, o Brasil voltou ao mapa da fome. Para garantir comida na mesa de quem mais precisa, o Governo do Estado está criando o Programa Bahia Sem Fome, intersetorial e transversal, que prevê ações articuladas com o Governo Federal, produção e distribuição de alimentos, geração de trabalho, renda e ampliação do acesso à água, à saúde e à educação. É uma luta que começa agora e não tem data pra terminar. E você também pode ajudar a vencer esse grande desafio doando alimentos e cestas básicas. Juntos, somos mais fortes.



## CONFIRA OS LOCAIS DE DOAÇÃO E PARTICIPE.

### Em toda a Bahia

Batalhões da PM • COORPIN - Polícia Civil • Quartéis dos Bombeiros Militares • Escolas Estaduais  
• Núcleos Territoriais de Educação • Todas as Unidades do SAC • Serviços Territoriais de Apoio  
à Agricultura Familiar - SETAFs.

### Arrecadação sociedade civil

Central Regional de Recebimento: Quartel dos Bombeiros (Iguatemi), Av. Antônio Carlos Magalhães - Salvador.  
Rua 7 de Setembro, Nº 47, Centro - Salvador.

### Arrecadação iniciativa privada

Central de Armazenamento (Galpão EGBA), Via Centro, 394 - Conj. Hab. CIA II - Simões Filho.  
Rua 7 de Setembro, Nº 47, Centro - Salvador.

### Arrecadação interna

Secretarias e Órgãos Públicos Estaduais.

### Espaços Culturais





**JS - Eva, hoje você fala isso rindo, mas na hora qual foi a sua sensação?**

Eu me senti humilhada. Pelo fato de ser negra, não podia ser jornalista? Todo jornalista tem que ser branco? Então, eu saí. Quando foi no outro dia, o jornal deu uma porrada nele, fortíssima.

**Isabel Santos - Como era, na época, o racismo na área cultural? Você sentia algo, apesar de todo mundo querer espaço na sua coluna?**

É que a minha coluna era uma coluna muito lida. Todo mundo queria aparecer. E aparecer num lugar onde todo mundo lê. Na época, foi feita uma pesquisa, a minha coluna ganhou de todas as colunas sociais.

**CG - Hoje, como você se avalia como jornalista? Você se achava ferina?**

Sempre fui guerreira. Quanto mais me perseguem, mais eu enfrento.

**WC - Mas tinhas noção que aquilo que publicavas tinha um peso muito grande. Eu e Ana Valéria tínhamos uma empresa de assessoria de imprensa, e a primeira coisa que a gente do mundo do entretenimento, da cultura, fazia era ler a tua coluna. Tu eras a referência. E quando tu tinhas que bater, batia sem dó.**

Tenho muito o gênio do meu pai, um petroleiro que todos os engenheiros de lá, os dirigentes, tinham medo dele. Ele conhecia tudo da mecânica diesel no Brasil, que veio dos Estados Unidos pra cá. Era ele quem dirigia tudo. Quem era engenheiro não tinha o conhecimento que ele tinha. Mas ele, homem, né? Homem é diferente de mulher, né? Mas eu puxei um pouquinho a meu pai nisso aí.

**CG - Você frequentava o Abaixadinho, o bar próximo à Tribuna da Bahia?**

Almoçava lá, tomava muita cerveja lá nos fins de semana. Eu gostava de um samba. Foi não foi, eu estava no samba. Comia muito mocotó. Era a melhor coisa que tinha, porque juntava todo mundo, o pessoal mais maduro, mais "sedimentado", para comentar as coisas da cidade, né? Comentar sobre a grande senhora da sociedade ou de um grande senhor da economia da Bahia que estava roubando o dinheiro do estado (risos).

**CG - Como era seu caderno de contatos? Tinha bastante nome?**

Tinha. Muita gente ligava pra mim, dava a informação, mas não dava o nome: "Não vou dar meu nome porque você pode botar na coluna". Eu dizia: Não se preocupe que não sou mau-caráter. O senhor não me conhece direito. Tenho um compromisso com a minha profissão. Ou você tem compromisso ou você não é profissional digno.



**CG - Como era sua relação com Joaci Góes?**

Ele dizia assim: "Ela é funcionária da minha empresa e se algum jornalista de lá fizer o contrário dela, pra mim não serve. Sai do meu jornal". Pronto, respondeu por mim. Ele me tinha muita consideração. Quando vinha, me abraçava e tal. Dizia: "Mulher *retada!*" E até hoje é assim. Ele ficou sentido quando fui pro A Tarde. Mas fui porque já estava muito cansada. Tinha que abrir mão de um [emprego] porque precisava criar meu filhinho. Fui mãe já com 40 anos. Ia deixar meu filhinho dentro de casa sozinho? De jeito nenhum!

**WC - Quem te levou para ser repórter de TV?**

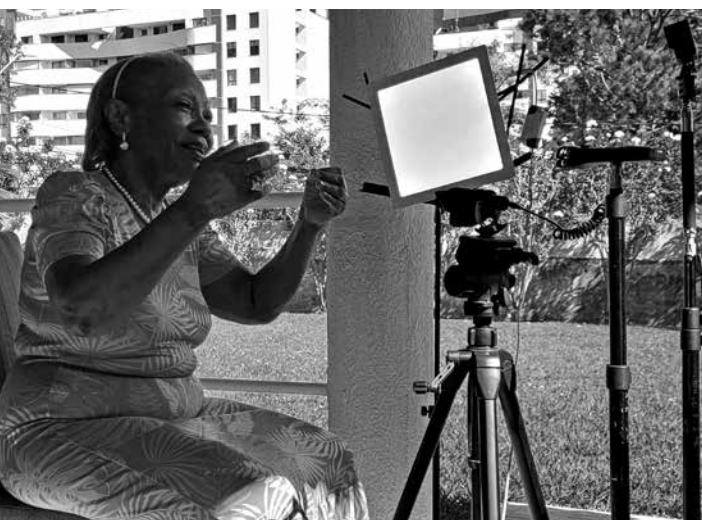
Francisco Aguiar, diretor do telejornal da TV Itapocan. Nós trabalhávamos no Diário de Notícias. Fiquei na TV dez anos. Foi na década de 1970. Ele era um militarista *retado!* E dizia: "Não quero saber do seu comunismo aqui, não!"

**CG - O que você considera como sendo características essenciais de um jornalista?**

Um jornalista não pode ter compromisso com a safadeza de ninguém. Eu dizia pra meu irmão: Ande direito, porque se você fizer alguma coisa errada e sair na mídia, não posso fazer nada por você. Então, cada um procure agir com dignidade, porque foi isso que nosso pai e nossa mãe nos ensinaram.

**CG - Você é filha de uma família com quantos irmãos?**

Doze irmãos. Dos quais, quatro tinham problemas de cognição e não puderam se alfabetizar. Dois já morreram. Essa é a parte mais contundente da minha vida: A morte da minha mãe e eu ter que assumir o papel de mãe deles. Foi o maior desafio que tive na minha vida. Mas, pra mim, foi um prazer.



FOTOS: KAU ROCHA



▲ Acima: A cristã Lady Eva nunca gostou de drogas.  
◀ Ao lado: Com as colegas-admiradoras Wanda, Isabel, Carolina e Jaciara.

Odiava estudante e se fosse de esquerda mesmo, aí é que ele torturava. Eles se sentiam com todo o poder para invadir a redação de qualquer jornal. Quantos colegas foram presos e responderam processo. Uns já estão mortos.

**JS - Você era da turma da “faconha”, da turma da mangueira?**

Não. Nunca gostei de drogas. Nunca me envolvi por causa da minha formação religiosa. Fui criada dentro da religião evangélica. Isso me ajudou um bocado. Só queria defender o lado correto das coisas. É na religião que você aprende isso. Na escola você não aprende. Você pode ser uma grande profissional ou pode ser outra coisa qualquer que você queira, uma safada. E na religião você é mais controlada, recebe muitas lições de dignidade, de honestidade. Porque você tem que sonhar com o paraíso. Você tem que ir pro céu, e se você tiver pecado, você não entra no céu.

**CG - Como era a figura do censor dentro da redação na época da ditadura?**

Eles entravam como se fossem também jornalistas e ali eles captavam tudo e entregavam a Luiz Arthur de Carvalho, na Polícia Federal.

**KR - Chegou a conviver com ele?**

Misericórdia! Aquele homem era um satanás vivo.

**JS - Teve algum texto seu que foi censurado?**

Teve. Uma vez, doutor Walter Pinheiro [diretor-superintendente da Tribuna da Bahia] procurou ver uma matéria que nem tinha saído ainda. Alguém ligou pra ele e disse que não ia aceitar nenhuma matéria feita por uma jornalista de lá, e que a matéria poderia ter coisas que ainda estavam sendo investigadas e que, se fosse publicada, poderia prejudicar a investigação. Ou, talvez, achou que eu tivesse feito proposadamente pra embolar lá o negócio dele. Mas não foi nada disso, só fiz meu trabalho. Se não fosse isso, o editor não ia publicar. Ia levar pra doutor Walter que ia dizer: “Segure a matéria”. Ele era muito conciliador. Ele diria: “Acho que não convém a gente criar esse problema agora, pois vai prejudicar a Tribuna na Bahia”.

**CG - Seu acesso ao interior da penitenciária Lemos Brito era fácil?**

Entrava como repórter do jornal. Não ia fazer política, ia fazer reportagem. Eu estava pelo trabalho, com a pauta na mão. Minha obrigação era procurar saber quem poderia falar sobre a situação dos presos polí-

ticos. Eles eram preparadíssimos, conheciam toda a história. Eu pensava assim: Tomara que eles tomem mesmo o poder, porque acaba com essa safadeza. Foi o pior golpe militar que já houve no Brasil.

**JS - O que o jornalismo deu pra você?**

O jornalismo deixou pra mim uma série de coisas. Quando for abraçar qualquer profissão, procure saber tudo como funciona, o que vai exigir de você, como o jornalismo exige. E seja uma pessoa íntegra, não tenha duas posições, está entendendo?

**CG - Você chegou a ser filiada a algum partido?**

Não. Mas eu tinha muita admiração pelo PCdoB (risos).

**CG - Pra você, da máquina de escrever para o computador, como foi essa transição?**

Ah, não foi fácil, não (risos). Se bem que, no computador, você acha tudo muito mais fácil. Não precisa nem ir na rua coletar informação. É mais tranquilo, você pode estar ali, com a cabeça no lugar, e saber até onde era verdade aquilo que estava sendo informado e tal.

**JS - Você acompanha o jornalismo atualmente? Assiste TV? Eu gostaria de saber o que você acha do jornalismo de hoje.**

“Fraquíssimo”. É uma vergonha. Eu digo a eles todos: Vocês são a vergonha do jornalismo. Jornalismo é a coisa mais poderosa e séria. Se você não deu valor, meu querido, meus pêsames. Porque você vai ter que se comprometer, sim, porque é coisa de muita responsabilidade fazer jornalismo. Tem que saber separar o correto do errado, ir buscar fontes certas pra lhe dar informação, pra você não ter que, no outro dia, botar uma errata: “*onde se lê na matéria tal...*”. Isso é a coisa mais ridícula pra um jornalista fazer isso.

**JS - Como você vivenciava as matérias IPs [interesse do patrão. No jargão jornalístico]?**

Nunca me deram. Botavam na coluna Raio Laser [da Tribuna da Bahia], que era a dos patrões (risos).

**CG - Havia uma disputa entre as colunistas dos jornais?**

Não. Eu sempre trilhei a minha estrada. Quando me sentia sem condições, tinha o reconhecimento que eu não estava preparada para enfrentar aquela pauta. Voltava pro jornal e dizia: Olha, me dê uma outra pauta, porque essa daqui não tenho condições de fazer. Vai mexer com muita coisa e sozinha eu não dou conta.

**JS - Você lembra de algum chefe de reportagem, de algum editor que você considere que tenha marcado você profissionalmente?**

Não.



FOTO: KAU ROCHA

*Quando for abraçar qualquer profissão, procure saber tudo como funciona, o que vai exigir de você, como o jornalismo exige. E seja uma pessoa íntegra, não tenha duas posições.*

**JS - O que você diria, como mensagem, para um jovem jornalista?**

Que eles voltem pra faculdade. Exijam da faculdade uma modernização do Jornalismo. E da consciência, sobretudo, do que é ser jornalista. Porque, muita gente, quando entra no Jornalismo, não sabe o que é ser jornalista, não. Jornalista pega uma barra pesada...mas eles não se atentam pra certas coisas. E aí, perdem a credibilidade. Ninguém acredita numa pessoa assim. Que é de uma profissão que exige tanta seriedade, que exige muita dignidade, e mais uma coisa: não ter medo. Um covarde não pode ser jornalista.

**KR - Mas essa dimensão ética, você aprendeu na faculdade ou no dia a dia do ofício?**

Na faculdade eu aprendi um pouco sobre isso. Que jornalista tem que ter, sobretudo, dignidade e honrar a sua profissão. É uma responsabilidade muito grande. Porque você é um formador de opinião. E se você não faz seu trabalho correto, você vai prejudicar a quem lê. Existe a Lei de Imprensa, que não é brincadeira, não. Você pode perder seu diploma e não trabalhar mais em lugar nenhum. Eu sempre tive muito cuidado com isso. Muito cuidado mesmo. ■



# 51 ANOS

Biblioteca  
de Comunicação  
Jorge Calmon



Estudo, pesquisa, informação e lazer.  
Tudo isso com um acervo raro e especializado em comunicação.





FOTO: KAU ROCHA

**R**eza a lenda que as pessoas que nascem empelcadas (envoltas no saco amniótico íntegro) são afortunadas e têm a vocação de adivinho. O empelcado José Barreto de Jesus, que gosta de assinar Zé de Jesus Barreto, foi aquinhoado, no entanto, pelo dom da escrita. Aprendeu a ler e escrever com 5 anos e aos 10 entrou no seminário católico. Sua mãe queria que ele fosse padre. O autoritarismo da Igreja o desencantou e ele aproveitou o excelente curso médio oferecido pelos padres para fazer o vestibular de Ciências Sociais. Formado, quando passou em um concurso público federal, percebeu que aquela vida burocrática, de escritório, não era compatível com sua personalidade libertária. Como gostava muito de ler e escrever, procurou emprego na Tribuna da Bahia, o novo jornal que abria as portas em Salvador na virada das décadas de 60/70. Foi aceito e logo se destacou, chegando a pauteiro, posição que sempre o agradou pela possibilidade de produzir pautas elaboradas, orientando o repórter a fazer a matéria como deve ser feita. Barreto passou pelas sucursais do Estadão, O Globo e Veja, além de ter ajudado na criação do Instituto de Rádio Difusão da Bahia - Irdeb e trabalhado também como chefe de reportagem da TV Itapoan. Nesta entrevista a Kau Rocha e Carolina Gomes ele conta uma série de aventuras vividas num tempo em que o profissional de imprensa precisava ser jornalista *full time*. E diz que os jornalistas precisam ter uma formação cultural sólida caso queiram se destacar na profissão.

O jornalismo não se fazia por telefone.  
*Era pé no chão, a cor local.*  
Ouvia as pessoas

**Como foi sua infância?**

Meus pais e meus avós são da caatinga sergipana, Simão Dias, Carira, Lagarto e tal. Na Segunda Guerra Mundial, meu pai era um sertanejo agricultor, catinqueiro, e a barra pesou. Ficou difícil sustentar minha mãe e meu irmão. Ele veio sozinho de trem pra Salvador pra tomar conta de uma roça, atrás da Igreja dos Mares. No fundo tinha um brejo, a horta e um “bequinho”, com as casinhas muito pobres. Nasci ali, empelicado, quase morto. Meu tio disse: “Esse menino vai morrer sem batizar”. E me levou para batizar na Igreja dos Mares. Então, sou afilhado de Nossa Senhora dos Mares e filho de Oxalá. Isso marcou minha vida, porque a minha infância foi do lado de umas negras – deviam ser angolanas – que me criaram, basicamente, ali. Acordava com os sinos da igreja e dormia com os batuques do candomblé no juízo. Isso fez a minha cabeça. Sou um pouco essa mistura. A minha “aparadeira” foi que me deu leite, pois minha mãe estava muito doente. Meu pai me criou no tabuleiro. Pegando as hortaliças e levando para a Feira do Curtume pra vender. Depois, conseguiu alugar uma barraca em Água de Meninos. Aí, a gente já mudou pro Lobato. A casinha era no fundo de uma escola, Escola Coração de Jesus Paroquial dos Mares. Isso é importante demais para mim porque, para fugir da tirania de minha mãe – minha queridíssima mãe era muito opressora –, eu vivia dentro da

escola. Aos 5 anos já sabia ler, escrever tudo. Tenho duas paixões que sustentaram minha vida: uma é letras, palavras. E a outra é a bola. Quase fui jogador, mas aí, essa base de palavra foi importantíssima. Eu era um aluno tão avançado em termos de lidar com palavras que, com 9 anos, já tinha uma bolsa e ia estudar na Ribeira. Com nove, dez anos fiz um curso de admissão. Minha mãe, muito católica, ligada com a Igreja e tal, arranjou uma bolsa. Se eu passasse nesse concursozinho, iria pro seminário. Ela queria que eu fosse padre. Passei. Isso foi em 1957, 1958.

**A escola era libertária?**

Porra, minha liberdade era a escola. A ida para o seminário foi boa, primeiro, porque tinha a bolsa. Podia estudar. No seminário, coisas que me fascinaram: estudar, ler, que é uma coisa que eu gostava muito, e a bola. Seminário tinha futebol. Com 10 anos, eu era o mais novo do seminário que, naquela época, era na Cardeal da Silva. Vivi ali até o fim de 1965. Fiz todo o ginásio e cheguei a estudar Filosofia. Então, minha base de seminário me ajudou muito na redação, em estudo, em leitura, a gostar de literatura. O seminário lhe dá disciplina e lhe ensina. Eu podia hoje estar aqui me queixando do seminário: Repressão, isso e aquilo, viadagem, não sei o quê, patati, os padres comiam os meninos e tal, *bullying* – que eu tinha vários apelidos, inclusive, Jeguinho. Não fiquei



▲ No seminário da igreja, o mais jovem aluno, ao lado do irmão mais velho Eloi, início dos anos 60. A mãe queria um padre na família.



*Acordava com os sinos da igreja e dormia com os batuques do candomblé no juízo. Isso fez a minha cabeça. Sou um pouco essa mistura.*



▲ A paixão pelo futebol quase levou o adolescente Barreto a ser jogador.

◀ Na maturidade, a bola só para os “babs” e os “pontinhos”.

com trauma nenhum, tirava tudo de letra. Nem das porradas que tomei da minha mãe, nem das surras que tomei no seminário, os assédios. Hoje, acho que tem muito “mimimi” para as coisas.

#### **Você foi uma criança traquina?**

Minha cabeça trabalhava muito, mas eu era muito sonso. Meio safadinho também. Mas, no seminário, aprendi latim, francês, essas coisas todas... O ensino era rigoroso e a religiosidade também, aquela coisa da culpa, do pecado. E eu questionava muito, calado. Fui acólito, ajudava na missa do cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva. Aquela praga! O que aconteceu para eu sair do seminário? Primeiro, não foi nem a sexualidade. A sexualidade a gente leva.

Eu namorava, fazia miséria no seminário, mas o que me atormentou foi uma coisa que me atormenta até hoje: o autoritarismo. Odeio autoritarismos. A Igreja Católica é extremamente autoritária. Nesse período de efervescência e rebeldia contra o autoritarismo, aconteceu um negócio terrível: o incêndio da Feira de Água de Meninos, em setembro de 1964, em plena “revolução”, começo de ditadura, os militares, com os poderosos daqui e da marinha, decidiram tocar fogo na feira. Conhecia bem a história, meu pai participava de sindicato. Estava no seminário, quando veio a notícia: tocaram fogo na feira. Me piquei. Quando cheguei em casa, minha mãe disse: “Seu pai está lá e eu não sei o que pode acontecer”. Fui ver. Não deixaram eu entrar. Tocaram fogo de tal forma que tan-

ques da Shell e Esso, como o perigo era explodir, estavam cheios d'água. A barraca de meu pai, que ficava perto da saída, não pegou fogo. Ele queria tirar tudo de dentro da barraca. Até que conseguiram apagar. Sabe o que ele fez? Pegou o resto de dinheiro que tinha, comprou mercadoria para abastecer a barraca. E eu: Vão tocar fogo no resto. Ele não acreditou. No sábado, tocaram fogo no resto. Aí meu pai perdeu, absolutamente, tudo. Tive que sair do seminário para ajudar meu pai e na comida dentro de casa. Mas aí, padre Gaspar Sadoc arranhou um emprego de escriturário no Banco Nacional do Norte. Em 1966, fiz vestibular pra Ciências Sociais na UFBA. Passei, claro, porque tinha uma redação maravilhosa. Quando acabou o curso já não estava trabalhando em banco nem nada. Tinha começado a dar aulas de História em cursinho. Decidi fazer um concurso para um negócio desse de federal. Só que sociólogo, naquela época, era sinônimo de subversivo. Eu já tinha sido fichado em 1968 na escola, com a invasão da polícia durante a ocupação da Faculdade de Ciências Humanas.

### Todo mundo foi fichado?

Todo mundo fichado. Passei no concurso, mas quando fui assumir e vi a burocracia, o estilo da coisa, eu disse: isso não é pra mim. Estava desempregado, mas disse não. Não vou aguentar. Botar paletó, gravata, cumprir horário... então, um amigo, professor da UFBA, fez uma carta me recomendando ao Jornal da Bahia. Lá, me botaram esperando, na porta do jornal. Só tinha macho no Jornal da Bahia. Eu, sentado, nego passava pra lá e pra cá, ninguém se dignou a me olhar, a me chamar, me dizer nada. Teve uma hora que me deu uma fome da porra, sentado quatro, cinco horas, esperando. Aí eu disse: Nunca mais piso o pé aqui! Quem estava na chefia de jornalismo da Tribuna da Bahia era Sérgio Mattos, meu colega do seminário. Me piquei pra Tribuna! Quem me atendeu? Césio Oliveira. Aí, ele: "O Sérgio está doente, mas estou no lugar dele na chefia de reportagem." Expliquei: Gosto de escrever, formei em Sociologia, ensino História, mas quero ser jornalista. "Olha, tem uma vaga aqui e tem dois já concorrendo, você quer ser o terceiro"? Quero! "Então,

venha amanhã, duas da tarde". Os caras que estavam concorrendo: Luiz Coelho – texto extraordinário, um jornalista da zorra! – e, João Santana, o Patinhas. Eu passei. Eles também passaram. Terminou todo mundo entrando. Porque eram três cabeças muito boas. A Tribuna era um braço aberto. Acolheu todos os presos políticos da Lemos Brito, quando saíram. Inclusive, Emiliano José, meu irmão até hoje. Quando Emiliano chegou lá, se apresentou a mim. Eu, já na chefia da reportagem, botei ele pra fazer uma matéria. Pelo arrear das malas, eu disse: É você!

### Que ano foi isso?

Era 1971. Quando cheguei na Tribuna, Césio me colocou para acompanhar uma menina que ia fazer matéria. "Vai no carro que você vai aprendendo." Matéria de uma invasão no Retiro. Acompanhei tudo que a menina fazia. E viemos embora para a redação. Césio perguntou se eu tinha gostado. Eu disse: Gostei, agora você deixa eu bater a matéria? "Você quer fazer isso? Tem uma máquina ali". Entreguei a matéria

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



▲ Com os colegas na sucursal do jornal O Estado de S. Paulo.



▲ Barreto e Césio Oliveira que o recebeu na Tribuna da Bahia.



◀ Na redação do Jornal da Bahia.



a Césio. Ele leu, olhou pra mim: “Você já trabalhou em jornal?” Não. Leio muito, gosto do Pasquim, enfim... No outro dia, criei uma inimizade com a repórter porque publicaram a minha matéria e não a dela. Meus primeiros chefes foram Césio e Pedrinho Formigli, que é outra figura maravilhosa. Depois, tive como redatores-chefes Milton Cayres de Britto, Sérgio Gomes, João Ubaldo Ribeiro, e meu “pai velho”, Cid Teixeira. Pessoas queridíssimas que me deram régua e compasso. Na Tribuna, fui repórter e pauteiro, que para mim foi o maior achado. Não é possível não ter pautas! O jornalismo acabou por falta de pauteiro! É impressionante como você vê repórter na rua que não sabe o que está fazendo. Eu fazia trinta, quarenta, cinquenta pautas por dia! Era pauta fundamentada. Dizendo o que é que tinha que fazer, dando já a dica, orientando, contando história. Depois, fui chefe de reportagem, editor de Cidade durante muito tempo, até que [Carlos] Navarro me chamou para ir pro Estadão, em 1976.

#### Como foi sua convivência com ACM?

Um déspota esclarecido, Antonio Carlos Magalhães. Um terror. Me chamou para trabalhar com ele duas vezes. Eu disse não. Um dia [Carlos] Libório virou para mim: “Mas Barreto, Antonio Carlos cisma com você. Por que você não quer trabalhar com ele?” Porque se eu for trabalhar com ele, vou morrer. No dia que ele me der uma bicuda na canela ou um tapa, como já deu em você, vou dar uma porrada na cara dele e vou quebrar os dentes dele todinhos. Ele vai mandar me matar. Mas era um mito. Era uma figura fascinante.

#### Você rejeitou trabalhar com ACM?

Nem com ele, nem com Netinho, que passou cinco horas me cantando para eu ir trabalhar com ele. Saí da sala dele e fui à praia! Fiquei olhando o mar e dizendo: me inspire pelo amor de Deus. Eu estava desempregado, fodido. Fiquei ali horas, ouvindo o mar e tal. Saí de lá, peguei o telefone e disse: tô fora! Você é louco! Tem figuras que não dá para você aguentar. A energia ali é barra pesada. Você tem que suportar muita coisa. ACM lhe chamava para ir na casa dele, podia lhe receber com um presente, uma gravata, ou lhe dando um tapa, lhe xingando de filho da puta, para depois pedir desculpa. O cacete!

#### Chegou a entrevistar Antonio Carlos?

Muitas vezes. Porque trabalhei no Globo e ele era assim com Roberto Marinho. Então, acontecia alguma coisa, vinha a pauta lá do Rio: entrevista Antonio Carlos. Você ligava pra ele, fazia a primeira pergunta, ele respondia. A segunda, a terceira e tal. Na quarta pergunta, ele: “Você só vai ter 25 linhas pra mim na página 3. Já tá aí o *lead*, o *sublead*, o terceiro parágrafo e tal, pode enfeitar aí e pronto”. E estava tudo ali. Outra vez, perguntei sobre um assunto nacional. “Barreto, não vou lhe dar a entrevista. Leia amanhã,

na primeira página do Globo. Vai sair um editorial, quem escreveu fui eu, e Roberto Marinho está assinando. Então, toda minha opinião está lá.” Entendeu a capacidade do cara? Era uma fera, um marqueteiro extraordinário.

#### Quem passou pelas suas mãos na redação?

[José Carlos] Teixeira, Luiz Augusto. O grande amigo Renato Pinheiro, Jaciara. Fui uma escola, né? Outro dia vi uma menina, Dina, que está na Itália. Até hoje se lembra das minhas recomendações quando ela chegava na redação. Sempre fui muito amável com as pessoas. Hoje, eu tenho até medo, porque sou muito carinhoso com as mulheres, sobretudo. E hoje é meio perigoso.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



▲ Entrevistando Bete Faria, Grande Otelo e Batatinha.

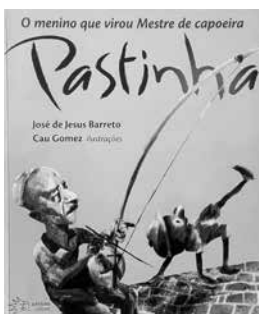
► Ao lado, cobertura das filmagens da minissérie “O Paga-dor de Promessas” para o Globo.



▼ Repórter do Globo, entrevistando a “santinha” que via Nossa Senhora, interior da Bahia.



*ACM lhe chamava para ir na casa dele, podia lhe receber com um presente, uma gravata, ou lhe dando um tapa, lhe xingando de filho da puta, para depois pedir desculpa.*



▲ O jornalista que vai ao ponto. Capa do livro sobre Pastinha. Matéria de capa na Veja e Jornal da Pituba.

### Existe essa ideia também de que nas redações as pessoas são tiranas. Como foi com você?

Tive um chefe tirano. E briguei muito com ele, hoje é meu amigo: José Valverde. Uma pessoa maravilhosa e tal, mas, na redação, era meio tirano. Um dia, fiquei esperando ele lá embaixo. Ia meter a porra! Cid Teixeira não deixou. Mas tive chefes maravilhosos: Milton Cayres de Britto – me tirou uma vez da Polícia Federal. Pô, você ter como chefe João Ubaldo Ribeiro? João Ubaldo chegava 5 horas da tarde, chefe de reportagem, e dizia: “Barretinho, bora dar uma volta no Dique do Tororó que eu preciso me inspirar para fazer o editorial” (risos). A gente dava uma volta no Dique, ele passava ali na frente, tomava um uísque e subia pra escrever. Depois, tive como chefe de redação Cid Teixeira. Um dos grandes historiadores da Bahia. Foi um dos caras que me fez amar a História. Ele e uma mulher chamada Eugênia Lúcia Viana Nery. Foi minha colega no Irdeb – Instituto de Rádio Difusão Educativa da Bahia. Eu fui fundador do Irdeb, em 1971 ou 1972. Ensino à distância. Foi lá que aprendi a lidar com o microfone, com Cid Teixeira. Escrevia aulas, mandava via cassete para o interior. Tive, também, programa de rádio com audiência boa.

### Como foi a chegada dos presos políticos na Tribuna?

Foi um momento barra pesada. De Médici, né? Mariluce Moura presa. Quando começam a sair os presos políticos da penitenciária, eles tinham que trabalhar, fazer alguma coisa, quem acolheu foi a Tribuna da Bahia. Podem falar mal, mas, muito obrigado Joaci Góes. Eu era o chefe de reportagem. Chegava lá e metia nos peitos dele e ele bancou. Sérgio Gomes, que foi editor-chefe da época, também bancou. Lembro de eu apresentando Emiliano a Sérgio Gomes: Ele tá chegando aí, precisa trabalhar, é um cara bom. E entreguei o texto dele. Depois, veio Pratinha, veio Denilson, veio Zanetti. Enfim, a Tribuna parecia uma sucursal da penitenciária Lemos Brito (risos).

### Você recebia bilhetezinho nesse período da ditadura?

Todo dia! Oxente! “É proibido falar o nome de Dom Hélder. É proibido dizer que foi preso num sei quem”. Você ficava sabendo quem tinha sido preso pelos bilhetes. E tinha um cara que ia lá para a redação! Até eu fui chamado, uma vez, na Polícia Federal, mas foi besteira.

### Quando você falou assim da pauta, da cor local. Nessa época o jornalista pisava na lama, né? Você diferenciaria muito do momento que a gente vive hoje?

Absolutamente. A coisa que eu mais sinto falta é isso. As pessoas hoje não têm embasamento histórico e não sabem o que é que vão fazer na rua. Nego vive de Google, telefone, assessorias, não sei o que. Naquela época, o jornalismo não se fazia por telefone, não. Era pé no chão. Fazia a cor local. Ouvia as pessoas. A

Tribuna foi muito pioneira nisso. A cidade, o dia a dia das pessoas, a curiosidade. A coisa pública quase não ia. Não entrava na Tribuna. Os *releases* chegavam lá, nego jogava no lixo. Era a cultura, era a cidade, era o buraco. Você ouvia a parte oficial para justificar: “Por que é que tá assim? O que é que vocês vão fazer?”. Você procurava pauta na Universidade, na Secretaria de Educação. As festas populares, a origem, a cultura baiana, a negritude. A gente ia para o candomblé! A minha concepção é a seguinte: o curso de jornalismo devia ter dois anos básicos, nos quais você deveria aprender a língua portuguesa, saber escrever, saber a diferença entre *está* e *estar*. Porque jornalista, hoje, não sabe! Saber um pouco de Sociologia, de Antropologia, saber História da Humanidade, da cidade, da Bahia, do nosso povo. Isso é fundamento! Depois, nos dois outros anos, vai aprender a diagramação, fotografia. A fórmula: Quem?, Como?, Quando?, Onde?, Por quê?, mas você já com a base todinha! O que é que me fez pauteiro de jornal? O que é que me fez repórter? O que é que me fez editor de jornal? O que é que me levou a ser editor de televisão? Estadão, Globo, Veja e tal? Foi o fundamento que o seminário me deu, que meu curso de História me deu, meus estudos, leitura.

#### Muitas matérias marcantes?

Vou contar uma história incrível. Cheguei na redação, um dia, 10 horas, no Estadão. Navarrinho disse: “Se arrume aí que vai você, Pedrinho [Pedro Formigli] e Bel [Agliberto Lima] pra Caetité, que acharam urânio lá”. Quem estava na chefia com Navarro era Raul Bastos. A gente pegou o avião. Bel era o fotógrafo. Pedrinho ficou fazendo a cidade e eu fui para a mina de urânio. Ia fazer uma besteira da porra: Peguei um pedaço de urânio e botei no bolso. “Você é louco, cara!” (risos).

Descemos num campo de futebol num teco-teco. E nós: Seja o que Deus quiser! Fizemos uma matéria da porra! Manchete de jornal. Outra. Consegui entrevistar [general João Batista] Figueiredo. Ninguém falava com ele. Um bicho brabo da porra! Um dia ele estava numa reunião e eu do lado de fora com um gravadorzinho. Ele saiu da reunião para atender Irmã Dulce no telefone. Eu aí joguei o gravador lá dentro [na sala de reunião]. No papo lá dentro ele anunciou uma coisa: o fim da censura prévia. O gravador pegou a zorra! Cheguei com isso e mostrei a Raul. Foi manchete no outro dia no Estadão: o fim da censura prévia nos jornais. Só a gente deu.

#### Quando você saiu do Estadão foi trabalhar onde?

Revista Veja. Passei um tempo lá com o Ricardo Noblat. Foi lá que fiz a grande entrevista com o Theodoro Romeiro dos Santos dentro da prisão, dias antes dele fugir. Mande pra Veja, que deu uma materiuzinha pequenininha. Essa entrevista, que era para as Páginas Amarelas da Veja, ficou inédita. Publiquei

*O jornalismo impresso tem que se recriar. Por que o jornal acabou? Porque não tem mais sentido. Você olha o jornal impresso, as notícias que já estão todas na mídia online.*

recentemente. Pouco tempo antes de Théo morrer. Fiz Veja com Noblat que, a parte da figura humana dele, foi um cara com quem também aprendi muito. Ele tem um puta texto. De lá, me piquei para o México. Quando voltei, voltei para o Irdeb de novo e fui fazer os programas de rádio.

#### O que você lê, o que você assiste, hoje, no jornalismo, nas novas mídias, nas redes sociais? O que é que você aponta como o futuro do jornalismo?

O jornalismo impresso tem que se recriar. Por que o jornal acabou? Porque não tem mais sentido. Você olha o jornal impresso, as notícias que já estão todas na mídia *online*. Todo mundo já leu. Depois, você pega os jornais, é tudo a mesma coisa. Mal mudam o título. Então, você vai comprar aquele jornal de papel para quê? Digo isso com uma tristeza muito grande. Eu sou um cara de papel. Não consigo ler livro no computador. O que provocou isso? Falta de inteligência empresarial e de inteligência das escolas de Jornalismo para repensar. O mundo anda em transformações constantes. Nós estamos num período de mudanças brutais e rápidas. Vivi uma fase absurda de transformações do jornalismo. Fui fazer uma matéria pro Estadão no interior de Sergipe. A gente teve que trabalhar as fotos dentro do banheiro para revelar e depois mandar, por telefoto, para a sucursal de Salvador. Eu mandava o texto por telefone para Navarrinho que passava para o teletipista Simão botar no teletipo para ir para São Paulo. Então, você hoje tem um computador que faz tudo ao vivo e em cores, na hora: foto, transmissão ao vivo, tudo. É uma revolução absurda na área de comunicação. Mas na área da inteligência, a mudança tecnológica foi muito mais veloz do que a mudança mental do jornalismo brasileiro.

#### E a qualidade do texto?

Nem me falem. Isso aí é outra coisa. Tem que voltar a ensinar português, pelo amor de Deus, para que as pessoas aprendam. Agora, deixa eu contar uma coisa: essa evolução rápida demais no mundo da comunicação, nós não acompanhamos aqui no Brasil. Nós estamos no Brasil num atraso abismal, ou abissal, como queiram, tudo é válido. Mas um atraso absurdo. Educação, por exemplo, nós estamos com, no mínimo cem, duzentos anos de atraso. ■



# A Prefs TÁ COLADA COM A GENTE

**Saúde nos Bairros**  
Exames e consultas  
perto de você

**35 mil pessoas**  
capacitadas para  
novos empregos

**Vêm aí**  
**8 novos**  
Restaurantes  
Populares



A Prefs tá trabalhando certo para cuidar bem da gente. O programa **Saúde nos Bairros** oferece exames e consultas por toda a cidade e já tem mais de 100 mil procedimentos realizados. Para ajudar quem procura uma nova oportunidade, **mais de 35 mil pessoas já foram capacitadas pela Prefs**. E tem mais, **vêm aí 8 novos restaurantes populares** com a distribuição de refeições gratuitas para quem mais precisa.



**SALVADOR**  
PREFEITURA





**E**le pensou em ser papa ou toureiro. Não concluiu o curso de Jornalismo em Bogotá, Colômbia, e partiu numa aventura cinematográfica para o Brasil, atravessando o Amazonas de barco à busca de comunidades indígenas. Queria ser hippie, cidadão do mundo, o que o fez queimar todos os documentos. O irrequieto Nelson Varon Cadena iria “baixar o facho”, quem diria, em Salvador, cidade conhecida como festeira, mística e dengosa. Antes de entrar para o jornalismo baiano, perambulou pelas ruas de Salvador com sua mochila, dormindo em praças e praias. Conheceu um grupo de jornalistas nativos quando morava em Berlinque, comunidade da Ilha de Itaparica. Lá, foi aconselhado a mostrar um dos seus textos no Jornal da Bahia, mas quem acabou publicando a matéria foi a Tribuna da Bahia. Depois, procurou emprego no A Tarde, onde se consolidou como publicitário, tornando-se um dos grandes pesquisadores da imprensa baiana. Nesta conversa conduzida por Kau Rocha, com as participações de Carolina Gomes e Hans Herold, Cadena revê sua incrível e aventureosa história de vida.

# O jornalismo e a publicidade *sempre se reinventam*

## **Gostaria de te ouvir a partir das origens, primeira infância.**

Nasci em Bogotá, sou *colombiano*, porque nasci na Colômbia e me tornei baiano aqui. Estudei, inicialmente, em colégio particular, depois, em colégio de padres, depois, numa universidade de padres, a Pontifícia Universidade Javeriana. Iniciei o curso de Jornalismo, que estudei um ano e meio. Não terminei. Entrei na universidade com 17 anos. Aos 18, abandonei porque achei que não estava contribuindo para minha formação. Um pouco de arrogância de minha parte. Tinha lido uma notícia que seria fundado um novo jornal, El Periódico, de Consuelo Salgar de Montejo, empresária e vice-presidente do Senado. Fui tentar falar com ela, é claro que não me deixaram. Eu disse: só vou sair daqui quando ela me atender. Quando deu 4 ou 5 horas da tarde ela me chamou: *quero trabalhar nesse jornal*. “E você faz o quê?” *Estudo jornalismo*. Ela pediu para eu fazer um artigo e me deu um tema lá. Não consegui, fiquei tão nervoso. Aí, ela: “gostei de você. Tem uma qualidade, você é um cara determinado. Vai comigo no jornal”. Falou com o diretor de redação: “arranje qualquer coisa para esse

rapaz. Não sei se está habilitado a escrever”. O serviço: tinha um escaninho onde botavam as fotos das matérias, os telegramas que chegavam. Meu papel era levar para as respectivas editorias à medida que fossem chegando. E aí comecei a escrever algumas coisas nas horas vagas, e levava para o diretor de redação. “Gosto do seu texto, parece com o meu. Vou lhe dar uma oportunidade”. Entrei na editoria de Cultura como assistente. Comecei a fazer reportagem de rua. Fiz uma que me queimou, sobre uma bienal de arte, com os principais artistas colombianos. Como toda bienal de arte, tinha dois grupos brigando entre si. Fiz a matéria e no final titulei: “fofocas, fofocas, fofocas e muita besteira”. Consuelo me chamou: “como você publica um negócio desse? Está todo mundo, os artistas, Botero e, outros, ligando, dizendo que foi um desrespeito”. Fui demitido.

## **E depois?**

Fiquei deprimido, fui fazer uma meditação. Preparei uns três baseados e segui para a montanha para meditar e pensar o que ia fazer na vida. Procurei uma revista chamada Cromos, tipo O Cruzeiro, ou Man-

chete. Me apresentei na cara de pau: ó, trabalhei no El Periódico. O cara que me atendeu disse: “vi algumas matérias suas assinadas, mas aqui é outro perfil. Eu quero reportagem.” *Sobre o quê?* “Cria alguma coisa, que você acha que tenha impacto. Agora tem que fazer fotos, porque, aqui, o principal é a parte fotográfica”. Tive a “brilhante ideia” de fazer algo sobre a guerrilha. Roubei a máquina de meu pai, uma Rolleiflex, e me dirigi a um lugar que achava poderia encontrar a guerrilha. Cheguei e perguntei onde estava. “Guerrilha? Tá maluco. É uns 40 quilômetros aí pra frente, mas não pode ir”. Não encontrei a guerrilha, mas uma colônia hippie na beira do Rio La Miel. Fiquei nessa colônia uns dez dias, fiz fotos pra caramba, fiquei doidão comendo cogumelo – pela primeira vez. Escrevi a reportagem e levei junto com o filme. O cara se interessou, mas disse: “meu amigo, não tem nenhuma foto nesses filmes aqui”. Não sei qual foi o problema, a loucura toda. Acho que não tirei a tampa da máquina. Para mim, foi uma frustração muito grande. O cara até gostou do texto, mas publicar uma matéria dessa colônia de hippies e não ter uma foto, não existe.

#### E essa transição da Colômbia para a Bahia?

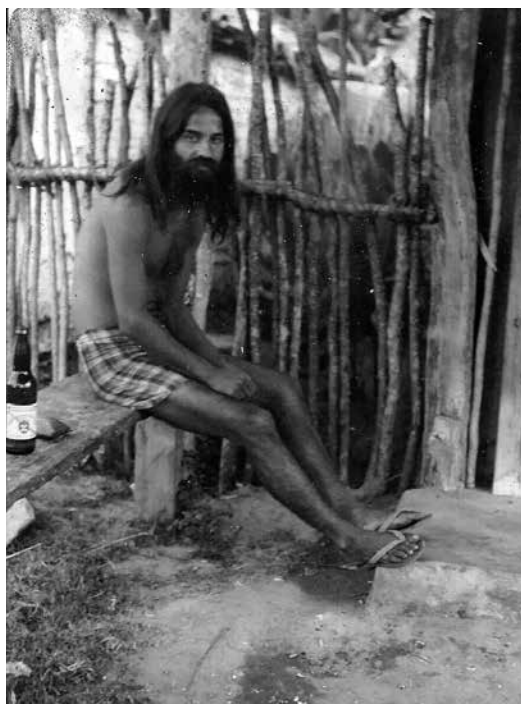
Saí da Colômbia com 19 anos. Queria morar com os índios. Falei para a família: vou para o Brasil, e vou ser hippie. A família levou uns três meses tentando me convencer a não ir. Eu ainda não era maior de idade, porque, na época, maior de idade era a partir dos 21 anos. Meu pai falou: “não vou dar permissão”. *Tudo bem, mas vou de qualquer jeito.* Saí da Colômbia em 9 de abril de 1973. Fui para a tríplice fronteira com o Brasil e Peru. Comecei a minha jornada pelo Amazonas de barco. Aí conheci um grupo de paulistas. Estavam fazendo mineração de cassiterita. Fiquei lá no acampamento, a um quilômetro de uma aldeia indígena. Meu primeiro contato com os índios. Depois, cheguei a Belém do Pará e tentei embarcar pra África, pois eu tinha estudado, também, sobre as comunidades primitivas de lá, mas me desaconselharam. Fui para Humaitá, Rondônia, onde fiquei convalescente de minha primeira malária, dois meses. Após cheguei em São Felix do Araguaia e logo, atravessando o rio com um índio, na comunidade indígena Carajás, na Ilha do Bananal. Acabei preso porque entrei clandestinamente na ilha. Fui parar na Funai, até aparecer, dois meses depois, um avião da FAB que me levou a Brasília. De lá, fui para o Rio de Janeiro e, em Niterói, consegui uma carona até Itabuna.

#### Então seu périplo pela Bahia começou em Itabuna?

Começou em Itabuna, onde dormi na cadeia num catre imundo por causa da chuva muito forte. Não estava preso, foi uma necessidade por causa das inundações. Dormi a convite de um policial. No dia seguinte, Sete de Setembro de 1973, peguei carona para Salvador. Andei pelo centro, da Rua do Paraíso até o Palácio Rio Branco, e vi um cara dormindo com

► *A cabana de Berlinque, Itaparica, que servia de moradia e vendinha de petiscos e cachaça de infusão, 1974.*

▼ *Abaixo, detalhe do hippie Cadena, futuro jornalista, publicitário e pesquisador de sucesso.*



▲ *Mostrando ao prefeito Antonio Imbassahy detalhes da exposição dos 450 anos de fundação de Salvador.*

► *Lançamento do livro “Olhares de rua”.*

um rifle velho, na escada. Foi o máximo. Porque estava acostumado a ver na Colômbia, no palácio do governo, um monte de caras armados, ligados. De repente vejo o cara dormindo, relaxado. Foi a primeira impressão de Salvador. Depois andei até o Farol da Barra. Um frio do cão. Minha primeira noite seria no Farol, mas não aguentei e fui parar na Lagoa de Abaeté. Dormi embaixo de uma amendoeira e na rua muitas vezes, mas nunca tive nenhum problema. Salvo a água que o padre da Igreja dos Aflitos jogava nos hippies que pernoitavam na varanda.







FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

### Quando foi que você deixou de ter essas experiências e arranjou emprego?

Fui morar em Berlinque, na Ilha de Itaparica, onde fiquei cinco anos. E lá conheci muitos jornalistas. Montei um barzinho que vendia ovos de tartaruga que eu mesmo pegava, cozinhava e fazia uns pasteizinhos, vendia caranguejo e cachaça de infusão. E vendia um afrodisíaco preparado com o vergalho da tartaruga, receita dos nativos. Os jornalistas todos se reuniam ali: Bonfim Caetano, Rêmulô Pastore, Lucia Cerqueira, Antônio Jorge Moura, Tasso Franco, dentre outros. Nós fizemos uma noite memorável de bundas que era para mostrar quem tinha a bunda mais bonita. A ideia era ver a bunda de duas cariocas lindas recém-chegadas, mas Conceição, esposa de Theodomiro Romeiro, que estava preso como terrorista, falou: Isso é machismo, homem também

tem que mostrar. Todo mundo baixou as calças e rebolou ao som da música. Só que os nativos estavam de olho. E era Sexta-Feira Santa. No dia seguinte, queriam me expulsar de Berlinque. Semanas depois mostrei umas coisas que tinha escrito para Rêmulô Pastore, e ele disse: “leve lá para o jornal que eu falo com meu irmão”. O irmão de Rêmulô era o secretário-geral [jornalista Rafael Pastore Neto].

### De que jornal?

Jornal da Bahia. Resolvi fazer uma matéria, sobre a destruição do Bacupari, uma árvore que leva 40 anos para crescer. Estavam derrubando tudo por causa dos loteamentos que estavam fazendo entre Berlinque e Cachaprego. Levei para Pastore, ele olhou e disse que o dono do jornal, João Falcão, era um dos donos desses loteamentos. “Não tem como publicar, mas vou



*Fui morar em Berlinque, na Ilha de Itaparica, onde fiquei cinco anos. E lá conheci muitos jornalistas. Montei um barzinho que vendia ovos de tartaruga que eu mesmo pegava, cozinhava e fazia uns pasteizinhos, vendia caranguejo e cachaça de infusão.*



▲ Acima, entrevista na Rádio Metrôpole.  
◀ Ao lado, com a colega diagramadora Helô Sampaio.

mandar um bilhete pra um amigo meu da Tribuna da Bahia". Era José Ribeiro, do Segundo Caderno. Ele publicou e a matéria chamou a atenção de João Ubaldo, o redator-chefe da Tribuna. Ele me deu os parabéns e fiquei fazendo algumas matérias na Tribuna. Depois Joaci Góes, o dono da TB me encomendou algumas matérias especiais. Resolvi, ir ao jornal A Tarde e lá conheci Junot Silveira, editor de Cultura. Entrei descalço e com barba e cabelos gigantesco. O segurança me barrou, mas Junot era um cara muito simples, grande jornalista, muito culto, mandou deixar eu entrar. Depois, Jorge Calmon me conheceu e começou a me dar trabalhos especiais. Foi numa época em que os telexes da UPI (United Press International), tiveram um problema com o português e o jornal só estava recebendo textos em espanhol. Jorge falou: "você vai traduzir tudo que está chegando e passar para os editores de Internacional".

**Isso deve ter lhe dado um bom entendimento da língua portuguesa, além de lhe colocar no centro do jornalismo baiano.**

Claro. E A Tarde resolveu me contratar. Acontece que eu não tinha nenhum documento, tinha queimado tudo numa viagem de cogumelos, maluquice de ser "cidadão do mundo". Quando veio o cara do departamento pessoal de A Tarde: "cadê seus documentos?". Não tenho. Então, Jorge Calmon procurou Luís Viana Filho, pediu ajuda a ele. Cheguei a ir por três vezes na casa do Senador, mas a coisa não andava. Procurou também o deputado Prisco Viana. Quando estive em Brasília, na sucursal de A Tarde, conheci outro deputado, neto de João Pessoa, assassinado em 1930. Conteí minha história. "Vou lhe ajudar, mexer uns pauzinhos aqui". Consegui que eu pudesse dar início ao processo. Mas tinha que tirar o passaporte no consulado da Colômbia, no Rio de Janeiro. Fui super mal recebido. Deram-me o passaporte, mas em branco, não tinha entrada no Brasil. Então, fui para Foz do Iguaçu, atravessar a ponte para o Paraguai e de lá entrar [oficialmente] no país. Só que quan-

do cheguei em Foz do Iguaçu com um bilhete do superintendente da PF na Bahia, para falar com o responsável pela imigração, ele tinha saído de férias. Outro cara lá falou. "Vá para o Paraguai, se eles deixarem você entrar lá, porque você é colombiano, tem que voltar com carimbo". Fui para o Paraguai. Um funcionário de lá me pediu 1.500 guaranis para "dar um jeito". Aí ele deu um carimbo e eu tinha que ficar lá dois ou três dias. Cheguei do lado do Brasil com o passaporte certinho, mas sem um tostão. Liguei pra Jorge Calmon que providenciou tudo e consegui chegar em Salvador. Fui trabalhar no departamento de publicidade do A Tarde. Depois, me interessei pela história da imprensa. Comecei a pesquisar os jornais e aí me interessei também pelos anúncios. Fui fazendo fichas. Naquele tempo, o esquema de pesquisa era você anotar as fichas. Anotava tudo ali, certinho. Era um trabalho muito minucioso, anotava o assunto, o veículo... isso me ajudou muito, no futuro, nas minhas pesquisas. E anotava também os anúncios. Parte dessas coleções que pesquisei não existe mais, se perdeu.

**Salvador foi muito inspiradora para pesquisas suas?**

Foi. Sempre andei muito no centro de Salvador e fiz toda essa pesquisa na biblioteca pública e do IGHB e nos arquivos. E o resultado disso, meu primeiro trabalho, foi um caderno especial sobre a propaganda que se chamava "168 anos de propaganda na Bahia". Eu li em algum lugar que o Dia Mundial da Propaganda era 4 de dezembro e tive a ideia de fazer o caderno. Apresentei a proposta lá no A Tarde e falaram: "mas quem vai anunciar nisso, aí?". Resolvi ir na Associação Baiana das Agências de Propaganda, procurei Fernando Carvalho, levei para ele as fotos que tinha, o material e ele ficou encantado. "Nós vamos fazer!". Saiu ligando para todas as agências. No final, ele disse: "só tem um que não topou. Vamos fazer com nove agências". Pagaram esse suplemento, com 16 páginas, que me abriu portas no Brasil todo. Ninguém tinha feito algo semelhante. A partir

FOTOS: KAU ROCHA







*Sempre fui pesquisador. Desde pequeno, colecionava, em casa, revistas esportivas da Colômbia e da Argentina. Tinha revistas de vários países de língua espanhola.*

daí, consegui fazer reportagem na revista Propaganda, na revista Marketing e saiu uma nota no jornal O Globo elogiando o suplemento.

#### **Que ano isso?**

1979. Aí, resolvi fazer outro suplemento, dessa vez, sobre a Ilha de Itaparica, e foi a mesma coisa. Saí para procurar os anúncios, ganhei um bom dinheiro com aquele negócio. Para esse suplemento da Ilha, procurei o pessoal do Governo. Sérgio Gomes era o secretário de Comunicação e [o jornalista José] Estevez era assessor dele. Eles me deram anúncios e consegui outros. Ganhei 6 mil cruzeiros na época. Era dinheiro para caramba. Pagavam, por uma reportagem, 150, 200 cruzeiros, de repente, ganhar 6 mil de uma vez, foi uma maravilha.

**Então, sua relação não era de vínculo direto com o A Tarde? Na verdade, você já era um cara articulador, um vendedor das ideias que você tinha.**

Eu era lotado no departamento de publicidade. Não

podia ser da redação, porque não era jornalista. Jorge Calmon tinha muito esse cuidado, defendia o diploma de jornalista. Mesmo assim, me tornei jornalista lá dentro. Passei a ser coordenador dos cadernos especiais. Fiz uns quarenta, cinquenta cadernos especiais no A Tarde. Eu pegava uma data, idealizava a pauta e contratava os jornalistas que iam fazer as matérias e escrevia algumas. Depois, sentava com [a diagramadora] Helô Sampaio e fazíamos o caderno. Eu acompanhava na oficina a montagem das páginas, o fotolito e só saía do jornal depois que rodava. As vezes de madrugada.

#### **Com tanta produção, você deve ter desenvolvido uma metodologia de trabalho. Como é essa sua forma de pesquisa, de produção?**

Sempre fui pesquisador. Desde pequeno, colecionava, em casa, revistas esportivas da Colômbia, e da Argentina. Tinha revistas de vários países de língua espanhola. Me tornei um especialista em esportes. Cheguei a participar de um programa de televisão na Colômbia, desses que você vai acumulando prêmios e no final, depois de cinco edições, você ganha tudo. Eu ganhei tudo. Acertei todas as respostas. Tinha 15 anos, ganhei um monte de coisas: passagens para o México, Ilha de São Andres, geladeira, dois fogões, duas máquinas de lavar, vouchers para restaurantes finos e dinheiro em espécie. Minha mãe que usufruiu de tudo praticamente.

#### **Você ainda é um contumaz leitor de jornais?**

Mudei meu foco em publicidade, quando o Correio da Bahia mudou de formato, em 2008. Passei a escrever sobre a história da Bahia e a fazer crônicas. De 2008 até hoje, praticamente, abandonei esse tema “publicidade”. Isso me deu uma alegria muito grande. Eu acho que sempre quis isso. Inicialmente, o que tinha sido combinado lá no jornal com os editores é que eu manteria a coluna de publicidade, mas acabei tendo uma coluna semanal sobre história da Bahia. Tive muitos trabalhos que considero inéditos no Brasil. Um deles foi essa série de trabalhos de memória da Publicidade, na Revista Propaganda, que publiquei durante 19 anos. E outro, foi um trabalho que fiz no Portal da Imprensa. Escrevi muito mais do que 140 artigos. Fiz uma seleção e editei um livro, disponível no Amazon, que são narrativas sobre a história da imprensa brasileira. São dois trabalhos, assim, que me orgulho. Não conheço outra pessoa que tenha escrito sobre esses dois temas memória da propaganda e memória da imprensa, de forma regular e constante, por vários anos. E já são 15 anos escrevendo sistematicamente sobre história da Bahia.

#### **E sua chegada na ABI?**

A ABI estava completando 50 anos. E aí Jorge Calmon: “Preciso de você. Contratei um historiador baiano - ele me falou o nome, mas eu não estou lem-



brado. E também é bom não lembrar - que não avançou nada com esse livro. Estou preocupado, porque só faltam seis meses. Queria que você fizesse esse livro dos 50 anos da ABI". Aí, comecei a vir na ABI para pesquisar nas atas. Durante muito tempo, as atas eram todas manuscritas, então, eu tinha uma certa dificuldade. Mas minha vinda para a ABI não foi muito bem-vista. Descobri isso agora, escrevendo o livro dos 90 anos, quando encontrei atas onde diretores questionavam: "como é que contrata um cara que ninguém sabe quem é?". Afonso Maciel me defendia: "quem indicou foi Jorge Calmon. Ele não ia fazer uma besteira. Se contratou, ele sabe o que está fazendo".

#### **A partir da sua vivência, como você analisa a relação entre a imprensa e o setor publicitário?**

Antigamente, jornalistas tinham um preconceito muito grande com a publicidade. Era um setor que o jornalista de redação não admitia que tivesse publicidade, pois

acabava tendo qualquer certo tipo de interferência, inclusive, a retirada de matérias quando chegava aquele anúncio de última hora. Já os publicitários criaram um conceito sacana que dizia: "jornalismo é a nobre arte de escrever nas costas de um anúncio". Mas o jornalista sabe que se não tiver publicidade quem vai sustentar a imprensa? Na Bahia nós tivemos uma certa distorção que ainda tem. Que é o empobrecimento do mercado. Porque as empresas foram absorvidas por conglomerados nacionais e o resultado disso é que todos os veículos de comunicação dependem muito da propaganda governamental. Recentemente, fiz uma pesquisa para a ABAP e a gente detectou que mais de 55% da verba publicitária que vai para os veículos de comunicação são dos governos estadual, municipal e federal, além das assembleias legislativas, das câmaras. Nessa pesquisa ficou provado que tem rádios que dependem 60% ou 70% de verba governamental. Aí, não pode sair criticando o governo, seja na área municí-

pal ou na área estadual, porque, senão, corta a verba ou diminui a verba e aí fica um problemão. Não consegue sobreviver.

#### **Mas você acha que essa interferência atrapalha na qualidade do jornalismo hoje?**

Atrapalha sim, porque não se tem uma clareza quanto a isso. Vou citar uma coisa que aconteceu na Bahia que foi marcante: a época do escândalo dos "Anões do Orçamento". Todos os veículos de imprensa baianos minimizaram a coisa, porque havia baianos poderosos envolvidos. Só foi dado um destaque relativo quando toda a mídia nacional priorizou a matéria.

#### **Como é sua relação com a ABI, que completa agora 93 anos?**

Começou com o livro dos 50 anos. Esse livro foi lançado sem minha presença. Foi um trauma para mim, fiquei arrasado. Não fui convidado. Depois, a gente começa a entender as coisas e até justificar. Como



O compromisso e a qualidade que você conhece.

Mais de 15 anos no mercado gráfico baiano.

### **Soluções em comunicação**

- Banners, placas
- Fachadas e letreiros
- Tapetes exclusivos
- Cartões, panfletos
- Crachás, carimbos
- Impressão digital
- Broches, bótons
- Sublimação
- Brindes e materiais personalizados



Rua Professor Américo Simas,  
33 - Nazaré Salvador (BA)

71 3321-4294



grafica.sanshy



sanshy.info@gmail.com



iam convidar um cara que andava de sandália havaiana, que tinha uma barba até a barriga e um cabelo grande para um evento que tinha ACM, deputados, toda a elite, desembargadores, os comandantes militares, toda uma área elitizada da própria imprensa? Não fazia sentido. Dentro da cabeça deles... O que me magoou foi que não me deram nenhum exemplar. Quem me deu um exemplar foi Vera Rocha, que era publicitária. Depois, recebi um livro ou dois daqui da própria ABI. Quando fiz o livro novo, Ernesto [Marques] disse: “vamos resgatar isso aí”. No discurso dele, chegou a abordar isso. “Dessa vez você foi convidado. Estamos fazendo uma reparação do que aconteceu”. (risos).

#### Nesse novo contexto, você acha que o jornalismo se reinventa?

Acho que o jornalismo sempre se reinventa e a publicidade também. Não gosto muito de fazer comparações, de dizer: “Ah, antes de jornalismo era melhor”. Ou: “a publi-

cidade era mais criativa”. Tudo depende do contexto da época. As circunstâncias, as características são outras. As oportunidades para se fazer uma reportagem ou se criar um anúncio eram outras. No caso da publicidade, as verbas eram outras. Você tinha uma verba mais farta, um dinheiro que se permitia fazer boas produções de vídeo, boas produções de áudio, menos patrulhamento do politicamente correto o que favorecia o humor. Não que não sejam boas as propagandas atuais, mas não pode ter aquela sofisticação e liberdade de criação que chegou a ter.

#### O que você pode agregar mais à nossa memória da imprensa?

Bom, sempre fui jornalista. Quando era menino, queria ser papa. Chegaram a convocar toda a família para isso, porque minha família tinha muitas freiras, muitos padres, tinha até um bispo. E aí me explicaram o *bê-a-bá*: “antes, você tem que ir para o seminário, ser padre, bispo, tem que ser

cardeal. É uma coisa meio complicada”.

Depois, queria ser toureiro. Meu pai era o médico da Praça de Toros de Bogotá. Era o encarregado de costurar os toureiros quando o touro chifrava. Ele tinha que ir correndo para dar os primeiros socorros, então, tinha direito a um camarote e eu sempre ia com ele. Adorava aquelas touradas. Ainda adoro. Meu primeiro jornalismo foi um jornalzinho que fiz em casa com papel de embrulhar pão. Antigamente, tinha um papel de enrolar pão que era azul, rosa, branco... Eu peguei esses papéis, recortei fotos de jornais e escrevi matérias para esse jornalzinho de oito páginas. Meu pai e meu tio acharam o máximo aquilo. Ganhei caixa de chocolate, biscoito, um bocado de coisas como prêmio por ter feito aquele jornalzinho. Então, acho que já tinha essa tendência para o jornalismo, desde aquela época. Com oito anos de idade, eu cortava as fotos dos jornais e inventava as matérias, hoje, devo ter mais de três mil artigos e crônicas publicados em várias mídias. ■



O seu CPF é mais que um número.  
É instrumento de **SOLIDARIEDADE!**

É instrumento de **SOLIDARIEDADE!**



**NOTA  
PREMIADA  
BAHIA**

Em **1 minuto** você se cadastra na **nota premiada** e ajuda a **Santa Casa de Ruy Barbosa** e o **Hospital Alayde Costa**



asantacasaderuybarbosa



www.npb.sefaz.ba.gov.br



FOTO: KAU ROCHA

**N**atural de Abaré, na região de Paulo Afonso, nordeste da Bahia, Vitor Hugo Soares tinha como primeira opção ser advogado e em segunda, jornalista. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), chegou a frequentar os dois cursos ao mesmo tempo, quando isso era permitido. Mas não teve dúvidas em optar pelo Jornalismo ao perceber que essa profissão era mais compatível com sua personalidade de militante da busca da verdade. O fato de ter sido preso na Faculdade de Direito pela ditadura, com a complacência da direção da instituição, também influenciou seu afastamento de uma futura carreira de advogado. Ganhou o Jornalismo. Ele começou no jornal *A Tarde* e, pouco tempo depois, já estava na sucursal do *Jornal do Brasil*, onde montou a equipe de uma emissora pioneira no estado: a *Rádio Jornal do Brasil*, com programação exclusiva de jornalismo. Um dos episódios memoráveis na trajetória de Vitor Hugo foi o “furo” nacional e internacional da fuga de Theodomiro Romeiro, o único preso político condenado à morte pelo regime militar de 1964. Impagável o relato da repercussão que o JB fez da fuga com o então governador Antonio Carlos Magalhães. Participaram da entrevista comandada por Kau Rocha, Carolina Gomes, Patrícia França, Hans Herold e Margarida Soares, esposa de Vitor.



# A primeira coisa pra ser jornalista é estar disposto a todos os sacrifícios

## **Onde você nasceu?**

Sou originário da beira do São Francisco, um ribeirão, nascido num lugar chamado Abaré, no médio baixo São Francisco, já para as proximidades da Cachoeira de Paulo Afonso. Na minha trajetória, morei em plena região do polígono da seca, Macururé, na beira da “Transnordestina”, rodovia que faz a ligação entre o Nordeste e São Paulo. Todo trânsito de paus-de-arara direto saindo do Nordeste, aluviões de famílias inteiras indo de lá para São Paulo, influenciou na minha formação. Também passei pouco tempo. Depois, fui para o lugar que mais me marcou na minha infância: Santo Antônio da Glória, na área de Paulo Afonso, em pleno período de construção da hidrelétrica de Paulo Afonso, onde fui fazer o curso primário. Comecei a ter contatos no plano intelectual com figuras que, depois, tiveram importância política aqui na Bahia, como é o caso de Raimundo Reis, cronista, deputado estadual do PSD, cassado na “revolução”. Além dele, conheci pessoas que começaram a ser importantes: Luiz Gonzaga e meu primo Mário Soares Lima, que foi presidente do Sindicato dos Petroleiros (Sindipetro). Passei também por Petrolina, em Pernambuco, e, de lá, vim pra Salvador, em 1963, estudar no Colégio da Bahia – Central, na véspera do golpe de 64.

## **Na época, você já tinha uma militância estudantil mais organizada?**

Fui secretário-geral da União Petrolinense dos Estudantes Secundários. Em 1963, já em Salvador, como

vinha com aquele fogo todo da política estudantil, comecei entrando no Central, aquele ambiente pleno de liberdade cultural, grande agitação, um momento, realmente, magnífico de vida intelectual.

## **Como era a sua militância?**

Eu era uma linha auxiliar do “Partidão”. Eu atuava lá intensamente sem saber quem era, exatamente, a esquerda no Central. Certo dia o diretor [Paulo Américo] me disse: “Você corre o risco de se dar mal no seu estudo. Tenho uma sugestão: saia do curso científico e vá pro clássico. Veja lá um perfil melhor para você”. Aí fui transferido pro turno noturno.

## **Ir para o curso noturno significava o quê?**

Um curso clássico que era ligado às áreas de Ciências Humanas e Sociais. Então, me senti como um pinto no lixo. Estavam lá, estudando à noite, Tuna Espinheira, cineasta, e Osvaldo Sampaio, que trabalhava na Petrobras. Foram os meus dois primeiros amigos. Sampaio era ligado a meu primo Mário Lima, presidente do Sindipetro. Quando saí do Central, fiz o vestibular para Direito. Na época, antes da reforma universitária, era possível você cursar duas faculdades. Fiz Direito como primeira opção e passei também na segunda, em Jornalismo. Estudava Direito pela manhã na Graça e voltava para almoçar em casa. Era só atravessar a rua e já estava dentro da Faculdade de Jornalismo, que funcionava na Escola de Filosofia da UFBA, na Avenida Joana Angélica.

### Quem eram os professores?

Foi por conta deles que eu comecei a dar a virada para o Jornalismo. Costumo dizer que fazia política na Faculdade de Direito e estudava Jornalismo. Quem realmente me atraiu para o Jornalismo foi Fernando Rocha, que é poeta e escritor. Havia também Consuelo Pondé, que era presidente do Instituto Geográfico Histórico da Bahia. Uma nata de grandes professores. Na época, o editor do jornal A Tarde era Fernando Rocha.

### Eram da Geração Mapa, né?

Eram da Geração Mapa. Florisvaldo Mattos, Fernando Rocha Peres e o professor de português, que era um mestre, Antônio Loureiro.

### Como foi o episódio da sua prisão, durante a ditadura, quando você cursava Direito?

Foi em plena agitação estudantil. Em 1968, uma greve na maioria das unidades da UFBA, entre elas a Faculdade de Direito, demorou quase um ano. Após o AI-5, as aulas foram retomadas em 1969, mas nós (da Faculdade de Direito) continuamos em greve. Mantivemos o movimento para expulsar dois agentes policiais que tinham entrado na faculdade sem vestibular, exatamente para espionar e denunciar as pessoas. Um deles era [Augusto] Magnavita, o outro não lembro o nome.

### É Átila Brandão?

Exatamente. Um dia, veio a ordem da ditadura pedindo a cassação da matrícula de 26 estudantes da Faculdade de Direito da UFBA. Destes, seis foram presos dentro da faculdade, entre eles, eu. A faculdade foi invadida pelo chefe da Polícia Federal da Bahia, Luiz Arthur de Carvalho. Os seis estudantes cassados estavam no hall da escola, quando Luiz Arthur chegou. Nós corremos para uma das salas, ficamos lá pensando que ele não ia entrar, mas ele chamou o diretor da escola, Orlando Gomes, um mestre do Direito Civil da Bahia. Subiram. Luiz Arthur, com a lista dos cassados na mão, disse: “Vamos chamar o nome daqui e queremos que cada um, quando for chamado, desça: Eduardo Monteiro, Vitor Hugo Soares...” A gente ia descendo e eles algemando. Faço um parêntesis aqui, porque eu estava há um mês trabalhando no jornal A Tarde: nenhum jornal baiano deu uma linha sobre isso. Nem o jornal onde eu trabalhava. Quando o Amálio Couto, um dos seis, desceu a escada parecia um ator. Ao passar por Orlando Gomes, disse: “Muito bem, Doutor Orlando Gomes, o senhor, homem que começou a vida como comunista, termina como dedo-duro”. Esse depoimento que estou dando aqui vai causar impacto, ele termina como dedo-duro. Aurélio Miguel, um dos cassados, conseguiu fugir, quebrando a vidraça e caindo no Vale do Canela.

## Geração Mapa reuniu a nova intelectualidade baiana

A geração Mapa foi formada por estudantes secundaristas do Colégio Central da Bahia na década de 1950. O nome Mapa vem de uma poesia do mineiro Murilo Mendes. Esse movimento cultural passou a incomodar a sociedade baiana, chegando a ser criticado em texto publicado no Jornal A Tarde em 1956, após a teatralização do poema Blasfêmia, de Cecília Meireles, na época dos saraus, chamados pelo grupo de “As Jogralescas”. O grupo originário da geração Mapa era formado por nomes como Glauber Rocha, Anecy Rocha, Paulo Gil Soares, Sônia Coutinho, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando da Rocha Peres, Jaime Cardoso, Fernando Rocha, Calasans Neto, Ângelo Roberto, Antonio Guerra Lima, Albérico Mota, Carlos Anísio Melhor, Fred de Souza Castro, João Ubaldo Ribeiro, Florisvaldo Mattos, David Salles e Sante Scaldaferrri, entre outros.



▲ Representantes da talentosa Geração Mapa, integrada por nomes que teriam projeção nacional e internacional como o cineasta Glauber Rocha e o escritor João Ubaldo Ribeiro.

REPRODUÇÃO DO LIVRO GLAUBER ROCHA: UMA REVOLUÇÃO BAIANA



*A faculdade [de Direito] foi invadida pelo chefe da Polícia Federal da Bahia, Luiz Arthur de Carvalho. Os seis estudantes cassados estavam no hall da escola, quando Luiz Arthur chegou.*

#### **Foram de camburão?**

Claro. E algemados. Nos levaram primeiro para a PF, onde foi feita nossa identificação. Depois, fomos transferidos para o quartel-general [do Exército] lá em Nazaré. Ficamos lá o dia inteiro, depois botaram todos no camburão e atravessamos a cidade. Nós pensamos que íamos morrer. Quando a gente desceu, estava dentro do quartel do 19 BC. Ficamos presos lá um mês. Quando saímos da PF, Luiz Arthur fez a última preleção: “Uma vez comunista, sempre comunista. Esse é o nosso entendimento aqui, então, vocês estão marcados”. Foram 26 estudantes da UFBA acusados de subversão. Perdemos a matrícula no ano que eu ia me formar e quando saímos: “Qualquer movimentação estranha, qualquer agitação, nós saberemos onde vocês estão. Buscaremos vocês onde estiverem”.

#### **Vocês chegaram a ser torturados?**

Não. Quer dizer, tortura assim: às vezes, quando o oficial do dia era mais metido a brava e demorávamos de levantar, éramos tirados da cama de manhã cedo, no lençol mesmo, e jogados no chão. Mas, demos sorte também, porque na verdade a Sexta Região Militar estava sob o domínio do Quarto Exército, sediado em Pernambuco, cujo comandante era o general Albuquerque Lima, considerado um cara progressista. O coronel Amadeu, lá no quartel onde

eu estava preso, era da linha dele e nos deu um tratamento, realmente, digno.

#### **Você concluiu o curso na Universidade Católica. Como foi?**

Pois é, foi. E o pai de João Ubaldo Ribeiro, Manoel Ribeiro, era professor lá. Um homem de muito prestígio, de muito saber, de capacidade cultural e intelectual. Num ato de muita coragem, naquela época, ele acolheu a todos os seis cassados da Faculdade de Direito da UFBA e lá [UCSal] cursei mais um ano e me formei. Não voltei mais na Faculdade de Direito da Federal.

#### **E quando voltou para o A Tarde?**

Não ia nem voltar pro A Tarde, mas como eu tinha trabalhado um mês lá, fui pegar minhas coisas no escaninho. Cheguei no prédio do jornal, na Praça Castro Alves, subi para a redação, e as pessoas daquele jeito, como se não tivesse acontecido nada. Vinham falando comigo meio envergonhadas, mas me acolheram. Quando ia saindo, entrou alguém, não sei se foi Agostinho Muniz, e disse: “Doutor Jorge [Calmon] quer falar com você”. Ele era o editor-chefe de A Tarde. “Como vai? Sumiu?”. Falou, com aquele jeito, sabendo de tudo... Respondi: “Vim pegar minhas coisas, pois, estou indo embora”. Aí, ele disse: “Não, senhor. Você vai descer no RH. Seu pagamento está depositado. Você certamente vai querer descansar um tempo, já que passou por esse momento difícil. Tire os dias que você quiser: uma semana ou mais, se quiser, e volte. Você vai continuar trabalhando aqui. A não ser que você não queira”. Voltei dois dias depois. Quando cheguei, no terceiro ou quarto dia de trabalho, aconteceu aquele assassinato terrível de Marcelino Souto, que matou a família toda. Doutor Jorge, que tinha começado a simpatizar comigo não sei porque, me chama: “Vai lá cobrir isso”. Foi a minha primeira cobertura com um impacto nacional e internacional.

#### **Em que momento você optou pelo Jornalismo?**

Quando me formei em Direito, disse: “Depois da experiência que tive na UFBA, pra mim, o diploma não vale mais nada. Vou me dedicar ao jornalismo”. Comecei a trabalhar quando ocorreu aquele choque na redação, dos estudantes de Jornalismo que entravam no jornal. Caso de Agostinho Muniz, eu, Renato Ferreira. Choque com os boêmios da redação: Silva Filho, José Curvello, Valmir Palma, Brito Cunha, que foi o cara que me convidou pra trabalhar ao lado dele. Depois, fui trabalhar com outro grande jornalista da nossa época: Octacílio Fonseca. Frequentava o [bar] Cacique, que era uma efervescência. A gente saía d’A Tarde direto pro Cacique. Florivaldo Mattos era chefe da sucursal do Jornal do Brasil e promovia encontros na redação, que era no edifício Bráulio Xavier. Ocupava o último andar, na cobertura do prédio, e a gente, às vezes, ia para lá bater papo, comer chur-



rasco e tomar cerveja. E fui ascendendo. No auge da movimentação estudantil, quando ninguém pensava nisso, A Tarde mandou produzir uma página chamada "Página Estudantil" e me colocaram como editor. É um momento marcante para mim. Eu jogava solto dentro do jornal, fora daqueles esquemas muito rígidos, do mesmo jornalismo todo dia. Sempre gostei de trilhar caminhos diferentes, buscar outros assuntos, outros focos. Dava o noticiário de universidade, estudante, mas também cultural. Lembro de uma coisa que causou impacto: quando o Chico [Buarque] fez "Construção", peguei a letra, fiz texto bem caprichado e publiquei na abertura da "Página Estudantil". Era uma coisa impensável naquele tempo. Quando saiu, foi um impacto danado, aí começaram a surgir cartas, elogios e algumas críticas também. E era assinado.

**Nesse período, você também trabalhava no JB?**

Em 1970, eu estava trabalhando no A Tarde e Isidro Octávio do Amaral Duarte, repórter do Jornal do Brasil, foi tirar umas férias lá na redação. Isidro gostava muito do meu texto. E começou a fazer a propaganda de mim no JB para Florisvaldo. Quando surgiu uma vaga temporária, fui convidado a trabalhar no Jornal do Brasil.

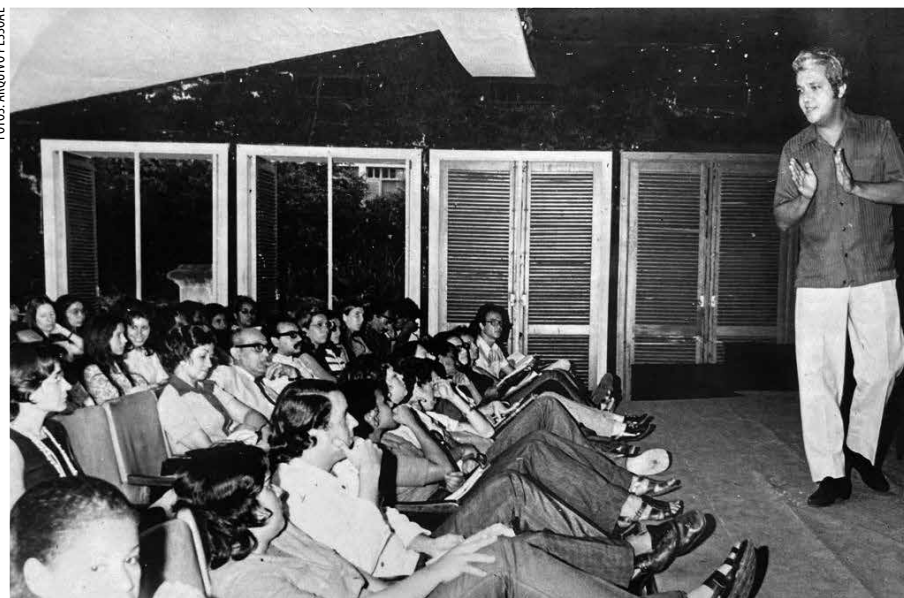
**As sucursais "bombavam" nessa época, né?**

Elas dominavam. Porque pagavam bem e podiam contratar os melhores profissionais. Lembro quando saí de A Tarde. Eu me considerava um homem que tinha tirado na loteria, rico, podia viajar... (risos). Quando comecei a trabalhar no JB, também dei muita sorte. Fiz uma reportagem de impacto nacional: um acidente na construção do Hotel Méridien. A plataforma de construção, que ficava no mar, foi atingida por uma ressaca. Eu tinha acabado de chegar na redação,

que tinha como chefe Osvaldo Gomes. Ele me disse: "Se prepara aí, corra lá com o Oldemar Vitor [fotógrafo]" Era um dia chuvoso, os operários se batendo em cima da plataforma, tentando se segurar, até que não aguentaram mais e caíram no mar. Eles foram jogados em cima das pedras e morreram. Diante daquele episódio, fiz um texto mostrando a omissão, a falta de preparo, a lentidão na operação pra salvar as pessoas, contando como se fosse uma crônica urbana da cidade, e isso causou impacto. Teve repercussão nacional. O Jornal do Brasil mandou elogios pra Florisvaldo, que ficou muito satisfeito, e pra Osvaldo. Em seguida, O Globo convidou Osvaldo, para assumir a chefia da sucursal em Salvador e ele foi. Eu tinha pouco mais de dois meses no JB e Osvaldo me indicou para ser o substituto dele. Florisvaldo topou na hora.



► *Recebendo o diploma de bacharel em Direito na UCSal.*  
▼ *Assistindo aula de Jornalismo do professor Fernando Rocha.*



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



▲ *Chefiando a sucursal do Jornal do Brasil.*



► Com João Carlos Teixeira Gomes (Joca) na sucursal do JB.



▲ Como diretor do Sindicato dos Jornalistas.  
 ◆ Assessor da Jornada de Cinema da Bahia, organizada pelo cineasta e amigo Guido Araújo.



▲ Participando de entrevista coletiva.



*Muita gente trabalhava nas sucursais. Tinha departamento comercial, vários repórteres, freelancers, fotógrafos, teletipistas. Foram as sucursais que começaram a dar um enfoque novo e valorizar fatos locais que tinham importância nacional.*

**Então, foi por causa dessa matéria que você veio a chefiar a redação da sucursal do JB?**

Foi aí que comecei, realmente, a minha expansão. Tempos depois, a redação da sucursal do JB foi transferida do edifício Bráulio Xavier para Pernambués – onde é, hoje, a Rádio Metrópole. A Rádio Jornal do Brasil FM ia montar a Rádio JB em Salvador e a direção me pediu pra fazer a formação da equipe da rádio. Entrei no JB em 1973. Passei 16 anos lá. Minha carreira profissional foi feita no JB.

**Como funcionavam as sucursais?**

Muita gente trabalhava nas sucursais. Tinha depar-

tamento comercial, vários repórteres, *freelancers*, fotógrafos, teletipistas. Foram as sucursais que começaram a dar um enfoque novo e valorizar fatos locais que tinham importância nacional. Foi uma das primeiras lições que aprendi com o editor e mestre de jornalismo, Juarez Bahia. “A primeira lição que você vai ter que aprender é a capacidade de selecionar, trabalhar com conteúdo reunindo o que é da Bahia que tem, realmente, relevância nacional”. Era importante selecionar dois, três, quatro bons assuntos pra “vender” isso bem no Rio de Janeiro. Quando a redação do JB foi para Pernambués, cheguei a trabalhar com equipe maior do que a do Jornal da Bahia, porque foram unificadas as redações da rádio e do Jornal do Brasil, cuja redação eu chefiava.

**Bob Fernandes te enviou uma pergunta. “Em qual das redações que trabalhou, você se sentiu mais à vontade? Em qual sentiu mais prazer e satisfação com o trabalho, seja pelo resultado coletivo ou individual?”**

Foi exatamente nesse período no Jornal do Brasil, em Pernambués. Porque foi um período pioneiro fazer rádio-jornalismo, pela primeira vez na Bahia,

com jornalismo nacional e local junto. Uma experiência múltipla, riquíssima, trabalhando com grandes profissionais, entre eles um dos maiores: Bob Fernandes, que era meu estagiário. Quando terminou o estágio de Bob Fernandes, não tinha vaga no Jornal do Brasil, então, indiquei ele para a sucursal da Veja, comandada por Ricardo Noblat.

#### Qual foi a influência de ACM na sua trajetória?

Eu diria que ele interferiu em vários momentos na minha atividade. Em outros, apenas tentou interferir... mas, lidei com Antonio Carlos Magalhães sempre profissionalmente. No jornal A Tarde, ele interferiu muito. Acho que foi um dos responsáveis, não posso provar, de ter acabado com a “Página Estudantil”. Ele usou o ponta de lança dele no A Tarde, um ex-diretor também da ABI, Berbert de Castro. Era um homofóbico famoso, mas bom cronista, escrevia bem e era braço direito e os olhos e os ouvidos de Antonio Carlos dentro da redação. Ele interferia numa época em que estive como redator. As matérias chegavam pra mim com aquele “bolodório”, exaltando ACM ao invés de começar com o fato: “O governador Antonio Carlos Magalhães...”, antes de dizer qualquer fato.

#### Isso no A Tarde. E no Jornal do Brasil?

Ele [ACM] tentava influenciar no JB, mas não conseguia, pois era um jornal nacional. O JB me dava toda cobertura, eu tinha liberdade. Inclusive, outro fato marcante na minha vida, foi em um dos plantões lá na rádio JB. Eu estava na redação com Antônio Jorge Moura, irmão de Mariluce Moura, que também foi de O Globo, quando padre Renzo entrou todo esbafo. Ele era líder da Comunidade Eclesial de Base Penitenciária. Ele chegou todo nervoso, todo sem jeito. Eu disse: Que pauta o senhor está nos trazendo? Só sei que é boa. Ele, com aquele sotaque italiano, todo nervoso: as palavras nem saíam... “Quem me pediu para vir aqui foi Haroldo Lima, o senhor sabe, lá do presídio. Ele pediu que, se você puder, mande um repórter lá ainda hoje”. Eu respondi: Agora mesmo! Falei para Antônio Jorge: pega o carro do jornal e vai para a Casa de Detenção. Lá, Haroldo entregou carta escrita por ele anunciando os motivos da fuga de Theodomiro Romeiro. Aquilo era uma bomba nacional. Ele (Theodomiro) estava condenado à morte no Brasil, por isso fugiu. Mas ninguém sabia da fuga. No momento em que se soube da fuga, o chefe da Casa de Detenção estava na Fonte Nova, num jogo do Bahia. Liguei imediatamente para a sede do JB, no Rio: “Olha tenho um furo nacional e internacional. Acabou de fugir Theodomiro Romeiro”. Eles: “Manda tudo que você tiver. Vai mandando. Não espere terminar tudo, não. Vai fazendo e mandando pelo telex”. Resultado, o JB deu um furo, internacional inclusive.

#### Antonio Carlos era o governador, né?

Quando estava tudo pronto lá no Rio, eu disse a An-



FOTO: KAU ROCHA

*No momento em que se soube da fuga, [de Theodomiro] o chefe da Casa de Detenção estava na Fonte Nova, num jogo do Bahia. Liguei imediatamente para a sede do JB, no Rio.*

tonio Jorge: Tá faltando ouvir Antonio Carlos Magalhães. Ele vai explodir quando souber disso. Antonio Jorge era um cara que não tinha tempo ruim pra ele. Pegou o carro do jornal de novo e foi pro Palácio de Ondina. “Quero falar com o governador!” E o guarda-costas de ACM: “Você não marcou nada”. Aí, Antonio Carlos apareceu de repente. E Antônio Jorge: “Vim aqui para ouvir o senhor. O que é que o senhor tem a dizer sobre a fuga de Theodomiro Romeiro?”. ACM: “Fuga de Theodomiro Romeiro? Não, senhor! Ele está preso, condenado à morte e será executado. Ele não fugiu de maneira nenhuma. Cadê o diretor da Detenção?”. Disseram a ACM que o diretor estava na Fonte Nova. Antonio Carlos ficou louco, ligou para Fonte Nova e mandou a rádio do estádio chamar o chefe da Casa de Detenção pelo serviço de alto-falante. Foi pra mim um grande orgulho. No dia seguinte, foi um impacto. Não teve Antonio Carlos, não teve nada que impedisse a matéria de sair. O fato teve repercussão mundial.

#### O jornalismo era outro naquele momento, né?

A diferença do jornalismo é o enfoque. É o tratamento que você dá para a mesma informação, como você trata o fato, como busca as informações, adendos de cultura, de política, de intelectuais, pessoas que enriqueçam a sua matéria e o seu texto. Isso requer



*Lua cheia, música boa  
e vista privilegiada*

SÉRIE



Lunar

Temporada 2022

De maio a dezembro,  
no Auditório Samuel Celestino.  
Confira a programação no site [abi-bahia.org.br](http://abi-bahia.org.br)



Associação  
Bahiana de  
Imprensa



Escola de  
Música da  
UFBA



▲ *Album de família: foto do casamento com Margarida.*



▲ *Relaxando no Pelô com Margarida Soares, esposa e parceira de vida.*



▲ *Dona Jandira, mãe e grande incentivadora de Vitor Hugo.*

profissionais e é exatamente isso a primeira diferença: a qualidade profissional que povoava as redações das sucursais naquela época. Afinal, pagavam bem e podiam contratar os melhores repórteres, os melhores redatores.

**O que é necessário para ser um bom jornalista?**

A primeira coisa é querer ser, estar disposto a ser um jornalista, disposto a todos os sacrifícios. Eu não tinha um fim de semana de folga! E não só a técnica jornalística, a técnica do jornal, a técnica de redigir um editorial, a notícia ou uma coluna, que são coisas diferentes. Saber atuar em todas as suas áreas, todos esses caminhos. Ser aplicado, ter nível cultural e intelectual. Eu acho fundamental amar a informação, buscar informação. Eu fui um profissional e, antes, um jovem estudante preocupado com a informação, com a notícia. Outra coisa importante é ler os jornais. Quando entrei na faculdade, eu pegava aquele Estadão – que quase me derrubava, pois eu era magrinho. Ainda hoje, só descanso quando eu termino

a edição do meu blog Bahia em Pauta, às três da manhã, quando fecho minha edição diária, e transporto a parte mais importante para as redes sociais. Até hoje, tenho que ouvir meu rádio, não durmo antes de ouvir a CNN.

Depois, ter boas fontes também é fundamental. Eu tinha boas fontes dentro da Igreja no tempo das Comunidades Eclesiais de Base. Dom Avelar. Dom José Rodrigues, o bispo de Juazeiro, eram excelentes contatos. Mas, jornalista também tem que ter sorte. Um azarado toma um vento, pega uma gripe e morre...

**Sua mãe lhe dava muita informação que vinha do rádio?**

Lá em casa, meu pai lia Humberto de Campos para a gente e minha mãe acordava com o jornal na mão. Aconteceu de eu estar na redação do Jornal do Brasil, preparando a pauta do dia, e ela ligar: “meu filho, você já viu isso? Viu o que a rádio deu agora? Mata-ram aquele rapaz ligado a Elquisson Soares, em praça pública, na região de Conquista”. ■










**ACRESCENTE  
SUSTENTABILIDADE  
A SUAS RECEITAS.**

**GN BAHIAGÁS.**



**FAZ BEM PRA TODO MUNDO.**

Aponte seu celular e calcule a redução de emissão de CO<sub>2</sub>



Você sabia que o Gás Natural - GN da Bahiagás é menos poluente que o GLP, aquele dos botijões e das centrais de gás, que é conhecido como gás de cozinha? Por isso, quando você escolhe o GN da Bahiagás para a sua casa, está escolhendo também preservar o meio ambiente. É menos emissão de carbono na natureza e mais qualidade de vida pra todo mundo.

